

Étienne de La Boétie

*O Discurso da
Servidão Voluntária*

1ª edição



Instituto Rothbard

Título original

Discours de la servitude volontaire
1576

Manuscrito De Mesmes

TEXTO ESTABELECIDO POR PIERRE LÉONARD

Autor

Étienne de La Boétie

Tradução

Laymenrt Garcia

Fernando Fiori Chiocca (introdução)

Revisão

enviar para contato@rothbardbrasil.com

Diagramação

Fernando Fiori Chiocca

Capa

Fernando Fiori Chiocca

LA BOÉTIE, Étienne de

O Discurso da Servidão Voluntária/Étienne de La Boétie — São Paulo: Instituto Rothbard, 2022.

1. Poder 2. Consentimento 3. Governo 4. Autonomia 5. Livre-arbítrio I. Título.

Sumário

A Filosofia Política de Étienne de La Boétie <i>Por Murray N. Rothbard</i>	7
O Discurso da Servidão Voluntária	79

A Filosofia Política de Étienne de La Boétie

Por Murray N. Rothbard

O nome de Étienne de La Boétie costuma ser associado ao eminente ensaísta Michel de Montaigne, devido à relação íntima de amizade que eles tinham. Mas, como alguns historiadores vieram a reconhecer, ele deveria ser lembrado como um dos filósofos políticos que mais influenciaram as futuras gerações, não apenas sendo um dos fundadores da filosofia política francesa, mas também pela relevância imemorial de muitas de suas visões teóricas.

Étienne de la Boétie nasceu em Sarlat, na região de Perigord no sudoeste da França, em 1530, em uma família aristocrática. Seu pai era funcionário do governo real na região de Perigord e sua mãe

era a irmã do presidente do Parlamento de Bordeaux (assembleia de juristas). Ainda criança ficou órfão e foi educado por seu tio homônimo, o padre de Bouibonnas, se formando em direito pela Universidade de Orléans em 1553. No ano seguinte, mesmo estando abaixo da idade mínima requerida, seu grande talento e habilidades especiais lhe renderam uma nomeação ao Parlamento de Bordeaux, onde construiu uma distinta carreira como juiz e negociador diplomático até seu precoce falecimento em 1563, com 32 anos de idade. La Boétie também foi um notável poeta e humanista, tradutor de Xenofonte e Plutarco, e era intimamente ligado ao proeminente jovem grupo de poetas Pleiade, que incluía Pierre Ronsard, Jean Dorat e Jean-Antoine de Baif.

A grande contribuição de La Boétie para o pensamento político foi escrita quando ele era um estudante de Direito na universidade de Orleans, onde compartilhou de um espírito de questionamentos sem restrições que ali prevalecia. Neste

período de agitação investigativa e religiosa, a Universidade de Orleans era um reconhecido centro de discussões livres e desimpedidas. O principal professor de La Boétie foi o ardente Anne Du Bourg, que posteriormente se tornaria um mártir huguenote, e seria queimado na fogueira por heresia em 1559. Du Bourg ainda não era um protestante, mas já tendia nessa direção, e não foi por acaso que esta universidade mais tarde se tornou o centro do calvinismo, e nem que os estudantes colegas de La Boétie se tornaram líderes huguenotes. Um deles foi Lambert Daneau, melhor amigo de La Boétie na universidade, e o aluno favorito de Du Bourg. Estudar Direito naquela época era uma atividade estimulante, era uma busca filosófica pela verdade e por princípios fundamentais. Paul Bounnefon escreveu no século XVI, “O ensino do Direito era mais uma discussão do que uma instituição, um tipo de busca pela verdade conduzida igualmente pelo professor e pelo aluno, que eles ardorosamente empreendiam em conjunto, abrindo um infundável campo para a especulação

filosófica”.¹ Foi neste tipo de atmosfera das escolas de Direito de Orleans e em outras das principais universidades francesas que o próprio Calvino, duas décadas antes, havia dado início ao desenvolvimento de suas ideias da Reforma Protestante.² E foi também neste tipo de atmosfera que juristas iriam formar um dos mais importantes centros da força calvinista na França.

Foi durante esta agitada época da escola de direito em Orleans que Étienne de La Boétie escreveu o curto porém brilhante, profundo e extremamente radical *O Discurso da Servidão Voluntária*

¹ Bonnefon, op. cit., p. xlvi.

² Pierre Mesnard, *L'Essor de la Philosophie Politique Au XVIe Siecle* (Paris: Boivin et Cie., 1936). p. 391.

(Discours de la Servitude Volontaire).³ *O Discurso* circulou na forma manuscrita e

³ Por ter permanecido por um longo período como um manuscrito, a verdadeira datação de *O Discurso da Servidão Voluntária* continua sendo motivo de controvérsias. No entanto, tem sido amplamente aceito por autoridades recentes que a história que Montaigne publicou dizendo que La Boétie escreveu o *Discurso* quando tinha dezoito ou dezesseis anos seja a correta. A declaração de Montaigne, como veremos mais adiante, provavelmente fez parte de sua campanha para resguardar a reputação de seu amigo falecido ao dissociar sua imagem dos huguenotes revolucionários que estavam reivindicando o panfleto de La Boétie. A juventude extrema tendia fazer com que o *Discurso* fosse considerado apenas as primeiras impressões de um jovem, e que seu conteúdo radical não podia ser considerado seriamente como sendo as visões do autor. Evidências internas e a erudição expressada na obra fazem com que o mais provável seja que o *Discurso* tenha sido escrito em 1552 ou

não chegou a ser publicado por La Boétie. Podemos especular que uma das razões que levou o autor a evitar a publicação foram as opiniões radicais ali contidas. No entanto, o manuscrito ficou famoso nos círculos intelectuais locais. Isto pode ser demonstrado pelo fato de que Montaigne havia lido o ensaio muito tempo antes de ter conhecido pessoalmente La Boétie,

1553, quando La Boétie tinha vinte e dois anos e estava na universidade. Veja Bonnefon, op. cit., pp. xxxvi-xxxvii; Mesnard, op. cit., pp. 390-1; e Donald Frame, *Montaigne: A Biography* (New York: Harcourt Brace, & World, 1965), p. 71. Não existe nenhuma biografia de La Boétie. O que existe de mais próximo é o texto de Bonnefon “Introduction” to his *Oeuvres Completes*, op. cit., pp. xi-Ixxxv, posteriormente republicado como parte de *Montaigne et ses Amis, de Paul Bonnefon* (Paris: Armand Colin et Cie., 1898), I, pp. 103-224.

quando também se tornou membro do Parlamento de Bordeaux em 1559.

A primeira coisa que nos surpreende no *Discurso* é a sua forma: o método de La Boétie era especulativo, abstrato e dedutivo. Isto contrasta com o argumento não exatamente legal e histórico dos escritores monarchomach huguenotes (aqueles escritores radicais que defendiam o direito dos súditos resistirem a governantes injustos) dos anos de 1570 e 1580, dos quais as posições contra a tirania se assemelhavam com as de La Boétie. Enquanto os monarchomachs huguenotes, mais bem representados pela obra *Francogallia* (1573) de François Hotman, concentraram a fundamentação de seus argumentos em precedentes supostamente históricos e reais do direito e de instituições francesas, os únicos exemplos históricos de La Boétie eram diversas ilustrações de seus princípios gerais da antiguidade clássica, e foi exatamente este distanciamento que conferiu uma qualidade atemporal ao seu discurso. Os últimos argumentos dos huguenotes

contra a tirania geralmente eram específicos e concretos, baseados em instituições francesas existentes, conseqüentemente, suas conclusões e implicações se limitaram a promover liberdades específicas contra o estado de várias ordens privilegiadas da sociedade francesa. Em contraste, foram a abstração e a universalidade do pensamento de La Boétie que inexoravelmente levaram a conclusões radicais e devastadoras sobre a natureza da tirania, a liberdade do povo e o que precisa ser feito para abolir o primeiro e assegurar o último.

Em seu raciocínio abstrato e universal, seu desenvolvimento de uma verdadeira filosofia política, e suas frequentes referências a antiguidade clássica, La Boétie seguiu o método dos escritores renascentistas, notadamente Nicolau Maquiavel. Havia, no entanto, uma diferença crucial: ao passo que Maquiavel pretendeu instruir o príncipe sobre como cimentar seu poder, La Boétie se dedicou a discutir maneiras de derrubá-lo e assim assegurar a liberdade dos indivíduos. Deste modo,

Emile Brehier contrasta o realismo cínico de Maquiavel com o “idealismo jurídico” de Étienne de La Boétie.⁴ No entanto, o enfoque de La Boétie no raciocínio abstrato e nos direitos universais dos indivíduos, podem na verdade ser melhor caracterizados como um prenúncio do pensamento político do século XVIII. Conforme disse J. W. Allen, o *Discurso* foi um “ensaio sobre a liberdade, igualdade e fraternidade humanas naturais”. O ensaio “serviu de apoio geral aos panfletários huguenotes ao insistir que a lei natural e os direitos naturais justificariam uma resistência forçosa contra os governos tiranos”. Porém, a linguagem de direitos naturais, por si só,

⁴ Emile Brehier, *Histoire de la Philosophie, Vol. I: Moyen Age et Renaissance*, citado em Mesnard, op. cit., p. 404n. Veja também Joseph Banere, *Estienne de La Boetie contre Nicholas Machiavel* (Bordeaux, 1908), citado em ibid.

acrescenta corretamente Allen, “não servia para os propósitos huguenotes. Na verdade, não servia a nenhum propósito naquele momento, apesar de que, um dia, possa vir a servir”.⁵ Ou, como diretamente indicado por Harold Laski: “Um senso de direito popular como aquele que o amigo de Montaigne retrata é, de fato, tão além de sua época quanto a anarquia de Hebert Spencer era numa época comprometida com a interferência do governo”.⁶ A diferença entre a abordagem especulativa de direitos naturais proto-século XVIII de La Boétie, e pouco legalista, histórica e concreta ênfase dos autores huguenotes que republicaram e utilizaram o *Discurso*, foi

⁵ J. W. Allen, *A History of Political Thought in the Sixteenth Century* (New York: Barnes and Noble, 1960), p. 314.

⁶ Harold J. Laski, “Introduction,” *A Defence of Liberty Against Tyrants* (Gloucester, Mass.: Peter Smith, 1963), p. 11.

ênfatisada por W. F. Church. Em contraste a “abordagem legal” que dominava o pensamento político na França do século XVI, diz Church, “tratados puramente especulativos, tão comuns no século XVIII, eram praticamente inexistentes, e em suas raras aparições pareciam estranhamente fora de contexto”. Então Church cita como um exemplo *O Discurso da Servidão Voluntária* de La Boétie.⁷

O Discurso da Servidão Voluntária é clara e coerentemente estruturado em torno de um simples axioma, um simples insight perceptivo sobre a natureza não apenas da tirania, mas também implicitamente da natureza do próprio aparato do estado. Muitos escritores medievais

⁷ William Fan Church, *Constitutional Thought in Sixteenth-Century France* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1941), p. 13 and 13n.

atacaram a tirania, mas La Boétie se aprofunda em sua natureza, e na natureza do próprio poder do estado. Este insight fundamental é que toda tirania deve necessariamente basear-se numa aceitação popular geral. Resumindo, a maior parte do povo, por qualquer razão que seja, está de acordo com a própria subjugação. Se isto não ocorresse, nenhuma tirania, ou melhor, nenhum poder governamental, poderia perdurar por muito tempo. Consequentemente, um governo não precisa ter sido eleito através do voto popular para contar com o apoio geral do povo; pois o apoio geral do povo é uma parte da própria natureza de todos os governos que perduram, incluindo as mais opressivas tiranias. O tirano nada mais é do que uma pessoa, e dificilmente poderia obter a obediência de outra pessoa, muito menos de um país

inteiro, se a maioria dos súditos não consentisse com esta obediência.⁸

⁸ De maneira independente, David Hume descobriu este princípio dois séculos depois, e o redigiu com sua clareza e concentração usuais:

Nada parece mais surpreendente do que a facilidade com que muitos são governados pelos poucos, assim como a implícita submissão com que os homens abdicam de seus próprios sentimentos e paixões em favor dos de seus governantes. Se investigarmos através de que meios se consegue este prodígio, verificaremos que, como a força está sempre do lado dos governados, os governantes se apoiam unicamente na opinião. O governo assenta portanto apenas na opinião; e esta máxima se aplica tanto aos

Esta se torna, portanto, a questão central da teoria política de La Boétie: como é possível que as pessoas consentam com sua própria escravidão? La Boétie vai direto ao ponto do que é, ou melhor, do que deveria ser, a questão central da filosofia política: o mistério da obediência civil. Por que o povo, em todas as épocas e locais, obedece ao comando do governo, que é sempre formado por uma pequena minoria da sociedade? Para La Boétie, o espetáculo do consentimento geral ao despotismo é enigmático e espantoso:

governos mais despóticos e militares
como aos mais livres e populares.

David Hume, *Ensaaios Morais, Políticos e Literários* (Os Pensadores XXIII, Editora Abril Cultural, 1973), pág. 239.

Por ora, gostaria apenas de entender como pode ser que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações suportam às vezes um tirano só, que tem apenas o poderio que eles lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto têm vontade de suportá-lo, que não poderia fazer-lhes mal algum senão quando preferem tolerá-lo a contradizê-lo. Coisa extraordinária, por certo; e, porém, tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitiçados apenas pelo nome de um...⁹

⁹ Veja p. 46 adiante.

E esta submissão em massa deve advir do consentimento e não simplesmente do medo:

Chamaremos isso de covardia? ... Se cem, se mil aguentam os caprichos um único homem, não deveríamos dizer que eles não querem e que não ousam atacá-lo, e que não se trata de covardia e sim de desprezo ou desdém? Se não vemos cem, mil homens, mas cem países, mil cidades, um milhão de homens se recusarem a atacar um só, de quem o melhor tratamento fornecido é a imposição da escravidão e da servidão, como poderemos nomear isso? Será covardia? ... Quando mil ou um milhão de homens, ou mil cidades, não se defendem da dominação de um homem, isso não pode ser chamado de covardia, pois a covardia não chega a tamanha ignomínia. . . Então, que monstro de vício é esse que ainda não merece o título de covardia,

que não encontra um nome feio o bastante . . . ?¹⁰

Estes trechos deixam claro que La Boétie se opõe fortemente a tirania e ao consentimento do povo a sua própria subjugação. Ele também deixa claro que essa oposição baseia-se numa teoria de lei natural e de direito natural à liberdade. Durante a infância, talvez devido ao fato de que a capacidade racional não foi completamente desenvolvida ainda, nós obedecemos nossos pais; mas quando crescemos, deveríamos seguir nossa própria razão, como indivíduos livres. Conforme diz La Boétie: “Se vivêssemos com os direitos que a natureza nos deu e com as lições que nos ensina, seríamos naturalmente obedientes aos pais, sujeitos à razão e servos de

¹⁰ p. 48.

ninguém.”¹¹ A razão é nosso guia para os fatos e leis da natureza e para o caminho apropriado da humanidade, e cada um de nós possui “em nossa alma alguma semente natural de razão que, mantida por bom conselho e costume, floresce em virtude e, ao contrário, frequentemente sufocada, aborta, não podendo enfrentar os vícios sobrevindos.”¹² E a razão, acrescenta La Boétie, nos ensina a justiça da liberdade igual para todos. Pois a razão nos mostra que a natureza, entre outras coisas, nos proveu com o dom da voz e da fala. Portanto, “? não se deve duvidar de que sejamos todos naturalmente livres”, e conseqüentemente, não pode se dizer que “que a natureza tenha posto algum em servidão”.¹³ Até mesmo os animais, destaca La Boétie, exibem um instinto natural de

¹¹ p. 55.

¹² pp. 55-56.

¹³ p.56.

serem livres. Mas então, “que mau encontro foi esse que pôde desnaturar tanto o homem, o único nascido de verdade para viver francamente, e fazê-lo perder a lembrança de seu primeiro ser e o desejo de retomá-lo?”¹⁴

O celebrado e inovador apelo de La Boétie pela desobediência civil, pela resistência não violenta do povo como um método de se derrubar tiranias, origina-se diretamente a partir destas duas premissas vistas acima: o fato de que todo governo depende do consentimento das massas, e do valor elevado da liberdade natural. Pois se a tirania realmente depende do consentimento das massas, então o modo mais óbvio de destruí-la é simplesmente as massas retirarem este consentimento. O poder da tirania iria repentinamente entrar em um rápido colapso com esta revolução não

¹⁴ p. 58.

violenta. (Não foi uma coincidência que fez com que o Tory David Hume chegasse a conclusões similares com sua teoria de o consentimento das massas ser a base de todo poder governamental.)

Assim, após concluir que toda tirania depende do consentimento popular, La Boétie conclui eloquentemente que “não é preciso combater esse único tirano, não é preciso anulá-lo; ele se anula por si mesmo, contanto que o país não consinta a sua servidão”. Os tiranos não precisam ser expropriados através da força; eles só precisam ser desprovidos dos fundos e recursos que o povo continuamente destina a ele. Quanto mais se aquiescer com um tirano, destaca La Boétie, mais forte e poderoso ele se torna. Mas “se não se lhes obedece” eles “ficam nus e desfeitos, e não são mais nada”. La Boétie então exorta os “pobres e miseráveis povos insensatos” a livrarem-se de seus grilhões recusando-se a continuar fornecendo ao tirano os instrumentos de sua própria opressão. De fato, o tirano não possui nada além do poder de

destruir você que você mesmo confere a ele. Onde mais ele conseguiria tantos olhos para espionar você, se você mesmo não tivesse propiciado a ele? Como ele poderia ter tantos punhos para agredir você, se você não tivesse emprestado os seus a ele? Os pés que marcham pelas cidades, de onde eles os tirariam se não pudesse contar com os seus pés? Como ele tem tanto poder sobre você que não seja através de você? Como ele poderia atacar você sem contar com a sua colaboração?

La Boétie conclui sua exortação garantindo que para as massas derrubarem seu tirano elas não precisam agir e nem derramar seu sangue. Elas podem fazer isso apenas desejando ser livres. Em suma,

Decidi não mais servir e sereis livres; não pretendo que o empurreis ou sacudais, somente não mais o sustentai, e o vereis como um grande colosso, de quem se subtraiu a base, desmanchar-se

com seu próprio peso e rebentar-se.¹⁵

Era uma tradição medieval justificar o tiranicídio de governantes injustos que violassem a lei divina, mas a doutrina de La Boétie, mesmo não violenta, era profundamente bem mais radical. Pois ao passo que o assassinato de um tirano é apenas um ato individual isolado dentro de um sistema político existente, a desobediência civil em massa, sendo um ato direto empreendido por grande parte da população, é muito mais revolucionário ao encadear uma transformação no sistema em si. É também muito mais profundo e elegante em termos teóricos, emanando diretamente do insight de La Boétie que diz que o poder necessariamente depende do consentimento popular; então a solução contra o

¹⁵ pp.50-53.

poder é simplesmente a retirada deste sentimento.¹⁶

O clamor pela desobediência civil em massa foi retomado por um panfleto huguenote mais radical, *La France Turque* (1575), que defendia uma associação entre as cidades e províncias com o propósito de se recusarem a pagar impostos para o estado.¹⁷ Porém, não é nenhuma surpresa o fato de que entre os defensores mais entusiasmados da desobediência civil em massa estavam os pensadores anarquistas, que simplesmente estenderam as análises e as conclusões de *La Boétie do poder de*

¹⁶ O historiador Mesnard diz que esta teoria é “rigorosa e profunda”, que os críticos nunca conseguiram compreender seu ponto, e que “é a solução humanista para o problema da autoridade”. Mesnard, *op. cit.*, p. 400.

¹⁷ Veja Laski, *op. cit.*, p. 29; Allen, *op. cit.*, p. 308.

governos tirânicos para o poder de qualquer governo. Entre os mais proeminentes anarquistas defensores da resistência não violenta estavam Thoreau, Tolstoy e Benjamin R. Tucker, todos do século XIX, e todos, como era de se esperar, pertencentes à ala anarquista pacifista. Na verdade, Tolstoy, ao elaborar sua doutrina de anarquismo não violento, utilizou um grande trecho do *Discurso* como ponto primordial do desenvolvimento de seu argumento.¹⁸

¹⁸ Assim, Tolstoy declara:

A situação dos oprimidos não deveria ser comparada a coação usada diretamente pelo mais forte contra o mais fraco, ou pelos que estão em maior número contra os que estão em menor. Neste caso, na verdade, é a minoria que oprime a maioria, graças a uma mentira estabelecida há muito tempo atrás por pessoas espertas, em

virtude da qual os homens despojam uns aos outros. ...

Então, depois de uma longa citação de La Boétie, Tolstoy conclui,

Era de se esperar que os trabalhadores, que não obtêm nenhuma vantagem das restrições que lhes são impostas, deveriam finalmente perceber a mentira em que vivem e se libertarem da maneira mais simples e fácil: ao se abster de participar da violência que só é possível graças a sua cooperação.

Leon Tolstoy, *The Law of Love and the Law of Violence* (New York: Rudolph Field, 1948), pp. 42-45.

Além disso, *A Letter to a Hindu* de Tolstoy, que desempenhou um papel fundamental em moldar o pensamento de Gandhi

Além disso, Gustav Landauer, o principal anarquista alemão do início do século XX, após se converter a uma mentalidade pacifista, resumizou extraordinariamente *O Discurso da Servidão Voluntária* de La Boétie e o utilizou como núcleo básico de sua obra anarquista, *Die Revolution* (1919). Um importante anarquista-pacifista holandês do século XX, Barthelemy de Ligt, além de dedicar muitas páginas de seu *Conquest of Violence* a discussão e elogios ao *Discurso* de La Boétie, também o traduziu para o holandês em 1933.¹⁹

sobre a ação popular não violenta, foi totalmente influenciada por La Boétie. Veja Barthelemy de Ligt, *The Conquest of Violence* (New York, E.P. Dutton & Co., 1938), pp. 105-6.

¹⁹ Etienne de La Boetie, *Vrijwillige Slavernij* (The Hague, 1933, editado por Bart.

Diversos historiadores do anarquismo chegaram a classificar o próprio tratado de La Boétie como anarquista, o que é incorreto, uma vez que La Boétie jamais estendeu sua análise do governo tirânico para o governo per se.²⁰ Porém, ao

de Ligt). Citado em Bart. de Ligt, op. cit., p. 289. Veja também *ibid.*, pp. 104-6. Sobre Landauer, veja *ibid.*, p. 106, e George Woodcock, *Anarchism* (Cleveland, Ohio: World Pub. Co., 1962), p. 432.

²⁰ Entre os que cometeram este erro estava Max Nettlau, o extraordinário historiador do anarquismo, sendo também um anarquista. Max Nettlau, *Der Vorfruhling der Anarchie; Ihre Historische Entwicklung den Anfängen bis zum Jahre 1864* (Berlin, 1925). Sobre isso veja Bert F. Hoselitz, "Publisher's Preface," em G.P. Maximoff, ed., *The Political Philosophy of Bakunin* (Glencoe, Dl.: The Free Press, 1953), pp. 9-10.

passo que La Boétie não possa ser considerado um anarquista, sua devastadora crítica da tirania e a universalidade de sua filosofia política os levaram naturalmente a esta expansão. Tudo isso perturbou

O primeiro historiador do anarquismo, E. V. Zenker, que não era anarquista, cometeu o mesmo erro. Deste modo, ele escreve sobre o *Discurso* de La Boétie, que ele continha: “Uma brilhante defesa da Liberdade, que chega ao ponto de o sentido da necessidade da autoridade desaparecer completamente. A opinião de La Boétie é de que a humanidade não precisa de governo; só é necessário que os homens desejem isso, e eles estarão felizes e livres novamente, como se fosse mágica”.

E. V. Zenker, *Anarchism* (London: Methuen & Co., 1898), pp.15-16.

consideravelmente o biógrafo de La Boétie, Paul Bonnefon, que escreveu sobre o *Discurso*:

Depois de não ter conseguido distinguir a autoridade legítima da ilícita, e de ter atacado imprudentemente até mesmo o princípio da autoridade, La Boétie chegou a uma conclusão ingênua. Ele parece acreditar que o homem poderia viver em um estado de natureza, sem a sociedade e sem o governo, e concluiu que esta situação seria repleta de felicidade para a humanidade. Este é um sonho pueril . . .²¹

²¹ Bonnefon, op. cit., “Introduction,” p. xliii. Em suma, até mesmo Bonnefon, reagindo com cautela às implicações e natureza

Para o respeitado analista Pierre Mesnard, o alerta de Bonnefon é totalmente sem sentido; Mesnard acredita que La Boétie definia tirania simplesmente como sendo qualquer exercício de poder de uma pessoa.²² Ao agir assim, La Boétie foi além da definição tradicional de tirania, que se referia ou a usurpação de poder, ou a um governo contrário as “leis” (que eram o direito consuetudinário, o direito divino ou o direito natural pelo “bem comum” do povo).²³ Enquanto que a teoria tradicional então foca apenas nos meios que o

radicais da obra de La Boétie, a classificou como anarquista.

²² Mesnard, op. cit., p. 395-6.

²³ Sobre os conceitos clássicos e medievais de tirania, veja John D. Lewis, “The Development of the Theory of Tyrannicide to 1660” em Oscar Jaszi e John D. Lewis, *Against the Tyrant: The Tradition and Theory of Tyrannicide* (Glencoe, IL: The Free Press, 1957), pp. 3-96, esp. pp. 3ff., 20ff.

governante adquire o poder, e na maneira que este poder é usado, Mesnard indica que a definição de tirania de La Boétie ia direto na natureza do próprio poder. A tirania não depende, como era suposto por muitos teóricos do passado, dos meios ilícitos de se adquirir poder. O tirano não precisa ser um usurpador. Como disse La Boétie, “Há três tipos de tiranos: uns obtêm o reino por eleição do povo; outros pela força das armas; outros por sucessão de sua raça.”²⁴ Usurpadores ou conquistadores sempre agem como se estivessem governando um país conquistado e aqueles que nasceram na realeza “não são melhores, pois tendo nascido e sido criados no seio da tirania sugam a natureza do tirano com o leite, e agem com os povos a eles submetidos como com seus servos hereditários”. Quanto aos eleitos, eles pareceriam ser “mais suportáveis”, mas eles são

²⁴ p. 58.

sempre tentados a converter a eleição em um despotismo hereditário, e assim “superaram os outros tiranos ... em crueldade, não vendo outro meio de garantir a nova tirania senão estreitando bastante a servidão e afastando tanto seus súditos da liberdade que, embora sua lembrança seja fresca, possam fazer com que a percam.” Em suma, La Boétie não consegue fazer uma escolha entre estes três tipos de tiranos:

pois se diversos são os meios de aos reinados chegar, quase sempre semelhante é maneira de reinar. Os eleitos os tratam como se tivessem pegado touros para domar; os conquistadores os consideram presas suas; os sucessores pensam tratá-los como seus escravos naturais.²⁵

²⁵ pp. 58-59.

No entanto, a clara conclusão de Mesnard — de que La Boétie queria dizer que todo poder pessoal e que todas as formas de monarquia eram tirânicas — é inadequada.²⁶ Em primeiro lugar, no trecho citado acima, La Boétie fala sobre governantes eleitos bem como outros tipos de governantes. Além disso, ele declara que “em ter vários senhores, quantos se tiver quantas vezes se é extremamente infeliz.”²⁷ Estes são exatamente indícios do

²⁶ Segundo Mesnard: “Se La Boétie não faz distinção entre monarquia e tirania (conforme acusação de Bonnefon), é exatamente porque as duas são igualmente ilegítimas para ele, a primeira sendo somente um caso específico da segunda.” Mesnard, *op. cit.*, pp. 395-6. La Boétie também faz uma crítica geral a monarquia ao questionar se ela possui alguma função entre o verdadeiro bem público, “pois é difícil acreditar que haja algo público nesse governo onde tudo é de um.” P. 46.

²⁷ p. 46.

conceito de república, mas eles deixam a definição de tirania de La Boétie tão vaga ao ponto de que se pode facilmente chegar as conclusões anarquistas.

Por que as pessoas continuam consentindo com o despotismo? Por que elas permitem que a tirania continue? Isto é especialmente intrigante considerando que a tirania (definida como todo poder pessoal) depende do consentimento das massas, e conseqüentemente a maneira de se livrar de uma tirania é se retirando este consentimento. O restante do tratado de La Boétie dedica-se a esta questão crucial, e sua discussão aqui é tão profunda e seminal quanto na primeira parte de seu trabalho.

O estabelecimento de uma tirania, observa La Boétie, é mais complicada no começo, quando inicia sua imposição. Pois geralmente, se é dado o direito de escolher, o povo irá votar para ser livre ao invés de ser escravo: “Não há dúvida de que prefeririam somente à razão obedecer do que a

um homem servir”.²⁸ Pode ser considerada uma exceção a escolha voluntária dos israelenses de imitar outras nações ao escolher um rei (Saul). Fora este caso, a tirania só pode começar a ser imposta por meio da conquista ou do engodo. A conquista pode ser feita por exércitos estrangeiros ou através de um golpe por parte de uma facção interna. O engodo ocorre em casos onde o povo, durante épocas de esforços de guerra, escolhe certas pessoas como ditadores, assim fornecendo a oportunidade para que essas pessoas cimentem seu poder sobre o povo de forma permanente. No entanto, uma vez que ela tenha se iniciado, a manutenção da tirania é permitida e fortificada pela perversa tortura do hábito, que rapidamente faz com que o povo se acostume com a escravidão.

²⁸ p.59.

É verdade que no início serve-se obrigado e vencido pela força; mas os que vêm depois servem sem pesar e fazem de bom grado o que seus antecessores haviam feito por imposição. Desse modo os homens nascidos sob o jugo, mais tarde educados e criados na servidão, sem olhar mais longe, contentam-se em viver como nasceram; e como não pensam ter outro bem nem outro direito que o que encontraram, consideram natural a condição de seu nascimento ... o costume, que por certo tem em todas as coisas um grande poder sobre nós, não possui em lugar nenhum virtude tão grande quanto a seguinte: ensinar-nos a servir.²⁹

Deste modo, a tendência humana natural de ser livre é finalmente solapada pela força do hábito, pois a razão deste dom inato, não importa o quão bom seja,

²⁹ p. 60.

se dissipa se não for encorajada, sendo que o ambiente sempre nos molda de sua maneira, seja ele qual for, sem levar em consideração os dons naturais.³⁰ Assim, aqueles que nascem escravizados deveriam ser perdoados, “pois não tendo visto da liberdade sequer a sombra e dela não estando avisados, não percebem que ser escravos lhes é um mal...” Embora, em suma, “a natureza do homem é mesmo de ser franco e querer sê-lo” mas o caráter de uma pessoa “naturalmente conserva a feição que a educação lhe dá.” La Boétie conclui que “a primeira razão da servidão voluntária é o costume”. As pessoas

dizem que sempre foram súditas, que seus pais viveram assim; pensam que são obrigados a suportar o mal; convencem-se com exemplos e, ao longo do tempo,

³⁰ p. 61.

elas próprias constroem o poder dos que as tiranizam; mas como em verdade os anos nunca dão o direito de malfazer, aumentam a injúria.³¹ ³²

O consentimento é também constantemente planejado e encorajado pelos governantes; e este é um dos motivos principais para persistência da obediência

³¹ pp. 64-65.

³² David Hume escreveria em seu ensaio “Da Origem do Governo”:

O hábito logo consolida aquilo que outros princípios da natureza humana originaram; e os homens, uma vez que se acostumam com a obediência, nunca mais consideram abandonar este caminho, que eles e seus ancestrais tanto percorreram. (*Ensaio: Morais, Políticos e Literários*, p. 39)

civil. Muitos recursos são usados pelos governantes para induzir este consentimento. Um dos métodos é oferecer o circo às massas, com suas distrações divertidas:

Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, os gladiadores, os bichos estranhos, as medalhas, os quadros e outras drogas que tais eram para os povos antigos as iscas da servidão, o preço de sua liberdade, as ferramentas da tirania. Os tiranos antigos tinham este meio, esta prática, estes atrativos para adormecer seus súditos sob o jugo. Assim, achando bonitos esses passatempos, entretidos por um prazer vão que passava diante de seus olhos, os povos abobados acostumavam-se a servir tão tola-mente e até pior do que as criancinhas que aprendem a ler vendo as brilhantes imagens dos livros iluminados.³³

³³ pp. 69-70.

Outro método de se induzir o consentimento é puramente ideológico: ludibriar as massas fazendo-as acreditar que o governante tirano é sábio, justo e benevolente. Assim, La Boétie aponta que os imperadores romanos assumiram o título antigo de Tribuna do Povo, porque o conceito havia galgado aceitação entre o povo como sendo a representação do guardião de suas liberdades. Conseqüentemente, a concepção do despotismo sob o manto da velha forma liberal. Nos tempos modernos, acrescenta La Boétie, os governantes apresentam uma versão mais sofisticada desta propaganda, pois eles “hoje não fazem mal algum, mesmo importante, sem antes fazer passar algumas palavras bonitas sobre o bem público e a tranquilidade geral.”³⁴ Reforçar a propaganda ideológica é uma mistificação deliberada: “Os reis da Assíria e também, depois deles, os de Média só

³⁴ p. 71.

apresentavam-se em público o mais tarde que podiam, para fazer a população se perguntar se não eram algo mais que homens.” Símbolos de mistério e magia eram entrelaçados ao redor da Coroa, para “suscitar em seus súditos alguma reverência e admiração. ... Dá pena ouvir falar de quantas coisas os tiranos do passado utilizavam para fundar sua tirania, de quantas mesquinhas se serviam, encontrando essa população sempre às ordens .”³⁵ Por vezes os tiranos chegavam ao ponto de imputar a si mesmos o status de divindade: “queriam muito pôr a religião na frente, como anteparo, e se possível, tomar emprestada alguma amostra da divindade para o mantimento de sua miserável vida.”³⁶ Deste modo, “os tiranos que, a fim de se manterem, se esforçam para acostumar o povo a

³⁵ p. 72.

³⁶ p. 73.

eles não só por obediência e servidão, mas também por devoção.”³⁷

É neste ponto que La Boétie faz sua única referência à França de sua época. Percebe-se que ele considera isto extremamente nocivo, dizendo que “os nossos semearam na França algo [semidivino] parecido: sapos, flores de lis, a âmbula e a auriflama”.³⁸ Ele prontamente complementa dizendo que “de minha parte, como sói acontecer, não quero descrever, pois até agora nem nós nem nossos antepassados tivemos ocasião para suspeitar, pois sempre tivemos reis tão bons na paz e tão intrépidos na guerra que, embora nasçam reis, parece que não foram feitos como os outros pela natureza mas escolhidos antes de nascer pelo deus todo-poderoso para o

³⁷ p. 75.

³⁸ p. 74.

governo e proteção do reino.”³⁹ Tendo em vista o contexto da obra, é impossível pensar que a intenção desta passagem não tenha sido satírica, e isto é logo confirmado pela passagem seguinte, que diz “ainda que assim não fosse”, ele não duvidaria das tradições francesas, pois elas que fomentaram as condições para o florescimento da poesia francesa. “Eu seria por certo ultrajante”, conclui La Boétie, ironicamente sem dúvidas, “em querer desmentir nossos livros e correr tanto nos cursos de nossos Poetas.”⁴⁰

³⁹ Ibid.

⁴⁰ pp. 74-75. Bonnefon se aproveita da oportunidade para reivindicar que La Boétie era, no fundo e apesar de seus desvios radicais, um bom conservador e um francês de coração: “Não era a intenção do jovem atacar a ordem estabelecida. Ele formalmente exclui o rei da

Ideologia enganosa, mistério, circo; somando-se a estes recursos puramente de propagandas, outro recurso é usado pelos governantes para obterem o consentimento de seus súditos: a compra de benefícios materiais, tanto o pão quanto o circo. A distribuição destas benesses ao povo é também um método, muito astucioso, de enganar o povo e fazê-lo acreditar que ele se beneficia com o governo tirânico. Eles não percebem que na verdade eles estão recebendo uma pequena parte da riqueza que lhes foi tirada previamente pelos governantes. Assim:

França de seu argumento, usando termos que denotam deferência e respeito”. Bonnefon, op. cit., p. xli. Veja também a crítica de Mesnard sobre da errônea interpretação feita por Bonnefon, op. cit., p. 398.

Os tiranos romanos descobriram ainda um outro ponto: dar festas frequentes para as decúrias públicas ... Os tiranos prodigalizavam um quarto de trigo, um sesteiro de vinho e um sestércio; e então dava pena ouvir gritar: Viva o rei! Os broncos não percebiam que apenas recobravam parte do que era seu e que até mesmo no que recobravam o tirano não lhes teria dado se antes não lhes tivesse tirado. O que hoje tinha apanhado o sestércio e se empanturrado no festim público abençoando Tibério e Nero e sua bela liberalidade, no dia seguinte, obrigado a abandonar seus bens à cobiça deles, seus filhos à luxúria, seu próprio sangue à crueldade desses magníficos imperadores, ficava mudo como uma pedra e imóvel como um tronco. O povo sempre teve isto: ao prazer que não pode receber

honestamente, é de todo aberto e dissoluto ...⁴¹

E La Boétie prossegue mencionando os casos das tiranias monstruosas de Nero e Júlio César, sendo que a morte destes dois ditadores foi seguida de um profundo período de luto do povo, devido as supostas liberalidades de suas tiranias.

Neste ponto La Boétie suplementa sua análise da compra de consentimento público com mais uma contribuição totalmente original, que o professor Lewis considera ser a parte mais importante e inédita de sua teoria.⁴² É o estabelecimento, como se fosse uma compra contínua e permanente, de uma hierarquia de aliados subordinados, um bando de serventes, pretores e burocratas leais. O próprio La Boétie leva

⁴¹ p. 70.

⁴² Lewis, op. cit. pp. 56-57.

em conta este fator “é a força e o segredo da dominação, o apoio e fundamento da tirania.”⁴³ Esta é uma grande parcela da sociedade que não é meramente ludibriada por insignificantes esmolas ocasionais do estado; estes são indivíduos que obtém uma bela e confortável vida através dos rendimentos do despotismo. Consequentemente, suas participações no despotismo não dependem da ilusão ou do hábito ou do mistério; seus interesses são altamente elevados e totalmente reais. Uma hierarquia patrocinada pelos frutos da pilhagem é assim criada e perpetuada: cinco ou seis indivíduos são os conselheiros e beneficiários principais dos favores do rei. Similarmente, esta meia dúzia mantém “seiscentos que crescem debaixo deles e fazem de seus seiscentos o que os seis fazem ao tirano. Esses seiscentos conservam debaixo deles seis mil, cuja posição elevaram; aos

⁴³ p. 77.

quais fazem dar o governo das províncias ou o manejo dos dinheiros para que tenham na mão sua avareza e crueldade e que as exerçam no momento oportuno; e, aliás, façam tantos males que só possam durar à sua sombra e isentar-se das leis e da pena por seu intermédio.”⁴⁴

E assim se forma a pirâmide da hierarquia fatal que vai permeando todos os níveis da sociedade, até que “os cem mil, os milhões que por essa corda agarram-se ao tirano servindo-se dela”. Em resumo,

que se chegue lá por favores ou subfavores, os ganhos ou restolhos que se tem com os tiranos, ocorre que afinal há quase tanta gente para quem a tirania parece ser proveitosa quanto aqueles para quem a liberdade seria

⁴⁴ p. 78.

agradável. . . . logo que um rei declarou-se tirano, tudo que é ruim, toda a escória do reino . . . reúnem-se à sua volta e o apoiam para participarem da presa e serem eles mesmos tiranetes sob o grande tirano.⁴⁵

Deste modo, a hierarquia de privilégios descende dos maiores privilegiados do despotismo, passando pelos médios e pequenos, e finalmente chegando às massas, que são levadas a acreditar que levam vantagens ao receberem benefícios

⁴⁵ pp. 78-79. John Lewis declara que “Aqui La Boétie coloca o dedo em um importante elemento da tirania que escritores anteriores negligenciaram e que escritores contemporâneos costumam negligenciar”. Lewis, op. cit., p. 56.

insignificantes. Assim os súditos são divididos, e uma grande parte deles é induzida a ser fiel ao governante, “como se diz, para rachar lenha é preciso cunhas da própria lenha”. Obviamente, o trem do séquito e dos soldados do tirano sofre nas mãos do líder, mas estes “homens ficam contentes de suportar o mal para fazê-lo, não àquele que lhes malfez, mas àqueles que suportam como eles e que nada podem fazer”. Resumindo, em troca de sua própria subjugação, esta ordem de subordinados pode oprimir o resto do povo.⁴⁶

Como pode uma tirania ser derrubada se ela está cimentada na sociedade pelo costume, o privilégio e a propaganda? Como o povo pode ser levado ao ponto em que poderá decidir retirar seu consentimento? Em primeiro lugar, afirma La Boétie, nem todas as pessoas serão enganadas

⁴⁶ pp. 79-80.

ou serão irrecuperavelmente submetidas à submissão pela força do hábito. Sempre há uma elite mais sensível que vai entender a realidade da situação; “sempre se encontra alguns mais bem nascidos que sentem o peso do jugo e não podem se impedir de sacudi-lo”. São estas pessoas que, em contraste com a “grande população”, possuem “entendimento nítido e espírito clarividente”, e “tendo a cabeça por si mesmos bem feita, ainda a poliram com o estudo e o saber”. Este tipo de gente nunca realmente desaparece do mundo: “Estes, mesmo que a liberdade estivesse inteiramente perdida e de todo fora do mundo, a imaginam e a sentem em seu espírito”.⁴⁷

Por causa do perigo representado por estas pessoas esclarecidas, os tiranos sempre tentam suprimir a educação em seus domínios, e desta forma, aqueles que

⁴⁷ p. 65.

“conservaram a devoção à liberdade, por mais numerosos que sejam, porque não se conhecem; sob o tirano, é-lhes tirada toda a liberdade de fazer, de falar, e quase de pensar: todos se tornam singulares em suas fantasias”.⁴⁸ Neste ponto, La Boétie se antecipa aos analistas modernos do totalitarismo, como Hannah Arendt. Mas há esperanças; pois a elite ainda existe, e, novamente indo buscar exemplos na antiguidade, La Boétie sustenta que líderes heroicos podem surgir que “vendo seu país maltratado e em más mãos, tendo decidido com boa intenção, íntegra e não dissimulada, libertá-lo”.⁴⁹ Então, a tarefa óbvia desta corajosa elite com capacidade de discernimento é formar a vanguarda do movimento de resistência revolucionária contra o déspota. Através do processo de educação, irão ensinar a verdade ao povo, irão

⁴⁸ p. 66.

⁴⁹ Ibid.

devolver as pessoas os conhecimentos sobre as bênçãos da liberdade e sobre os mitos e ilusões promovidos pelo estado.

Além de levar a verdade ao povo e fazê-lo despertar da ilusão, o movimento de oposição possui outra missão: as vidas fora da realidade vividas pelos déspotas e pelas suas hierarquias de favorecidos. Pois suas vidas são miseráveis e cheias de medos; não são felizes. Os tiranos vivem em constante e perpétuo medo do bem merecido ódio que eles sabem que é alimentado por todo súdito.⁵⁰ Os cortesões e favoritos vivem miseravelmente, rastejando, curvando-se como serviçais, sempre bajulando o governante de quem dependem. Eventualmente, à medida que o povo for ficando mais esclarecido, os privilegiados irão começar a se dar conta da posição miserável que se encontram, pois eles podem

⁵⁰ pp. 67-68.

perder toda sua riqueza a qualquer momento, caso sejam superados na preferência da distribuição de favores do rei. A partir do momento que

ponham um pouco de lado sua ambição e que se livrem um pouco de sua avareza, e depois, que olhem-se a si mesmos e se reconheçam; e verão claramente que os aldeões, os camponeses que espezinham o quanto podem e os tratam pior do que a forçados ou escravos — verão que esses, assim maltratados, são no entanto felizes e mais livres do que eles.⁵¹

Apesar dele não dizer isso diretamente, La Boétie dá a impressão de que considera que a disseminação do conhecimento entre o povo não vai apenas fazer

⁵¹ pp. 79-80. Também, pp. 79-86.

com que as massas se recusem a continuar consentindo, como também vão colaborar de maneira incalculável com seu andamento ao separar a parte da burocracia privilegiada insatisfeita do resto, criando uma divisão interna.⁵²

Não existe melhor forma de concluir uma argumentação sobre o conteúdo do notável Discurso da Servidão Voluntária do que mencionando o insight de Mesnard de que “tanto para La Boétie, quanto para Maquiavel, a autoridade só pode ser baseada na aceitação dos súditos: exceto que um ensina o príncipe como compelir essa condescendência, enquanto que o

⁵² Veja também a conclusão ponderada em Mesnard, op. cit., p. 404. Veja também Oscar Jaszi, “The Use and Abuse of Tyrannicide,” em *Jaszi and Lewis*, op. cit., pp. 254-5.

outro revela ao povo o poder que consistiria sua recusa.”⁵³

Depois de se formar em Direito, Étienne de La Boétie fez uma carreira proeminente como funcionário da realeza em Bordeaux. Ele nunca publicou o Discurso, e como ele seguiu uma carreira de lealdade ao monarca, ele jamais deu indícios de ter expressado as opiniões de seu tratado. Certamente, um dos motivos que fez com que Montaigne considerasse insistentemente que seu amigo era um conservador leal à monarquia foi o fato de que La Boétie havia mudado sua posição política quando eles se conheceram por volta de 1559. Na verdade, no início de 1562, pouco antes de ele falecer, La Boétie escreveu, mas não publicou, um manuscrito desprezado e que permaneceu desaparecido até poucos anos atrás, no qual ele, mostrando um

⁵³ Mesnard, op. cit., p. 400.

conservadorismo moderado, recomenda que o estado puna líderes protestantes como rebeldes, que imponha o catolicismo na França, mas que também reforme os abusos da Igreja, de forma moderada e respeitável, pela interferência do rei e de seu parlamento. Os protestantes teriam então de ser forçados a se converter novamente ao catolicismo ou teriam de deixar o país.⁵⁴

É algo normal que jovens universitários, quando entram naquela fase apaixonada pela indagação sem limites, sejam radicais ardorosos, e só se acomodem em

⁵⁴ Este foi o livro de memórias de La Boetie sobre o decreto de janeiro de 1562. Veja Frame, *op. cit.*, pp. 72-3, 345.

⁵⁴ Veja também a conclusão ponderada em Mesanard, *op. cit.*, p. 404. Veja também Oscar Jaszi, "The Use and Abuse of Tyrannicide," em Jaszi and Lewis, *op. cit.*, pp. 254-5.

uma respeitada e confortável opinião conservadora quando estejam bem estabelecidos em uma carreira associada as compensações do status quo. Mas no caso de La Boétie parece ser mais complexo que isso. Pois a própria abstração do argumento dele no Discurso, o próprio distanciamento ao estilo renascentista dos problemas concretos da França de sua época, enquanto universaliza e radicaliza a teoria, também possibilitaram que La Boétie, mesmo em sua juventude, separasse a teoria da prática. Isto permitiu à ele ser verdadeiramente radical no abstrato ao passo que permanecia conservador no concreto. Sua praticamente inevitável mudança de interesses dos problemas abstratos para os problemas concretos em sua atarefada carreira fez com que seu radicalismo anterior fosse

rapidamente abandonado, como se jamais tivesse existido.⁵⁵

Mas se seu método abstrato permitiu que La Boétie abandonasse rapidamente suas conclusões radicais no mundo real, ele teve um efeito oposto mais tarde nos seus leitores. Sua própria atemporalidade eternizou a obra, fazendo com que ela possa ser aplicada de uma maneira radical a todos os problemas e instituições posteriores. E foi precisamente este o destino histórico do Discurso de La Boétie. Ele foi publicado pela primeira vez, embora anonimamente e incompleto, no panfleto radical huguenote *Reveille-Matin des Francois* (1574), escrito talvez por Nicholas Barnaud com a colaboração de Theodore

⁵⁵ Mesnard., op. cit., pp. 405-6.

Beza.⁵⁶ O texto completo com o nome do autor apareceu pela primeira vez dois anos depois, numa coleção de ensaios radicais huguenotes compilada por um ministro calvinista em Genebra, Simon Goulard.⁵⁷ Montaigne ficou furioso com a publicação do ensaio por um revolucionário huguenote. Ele mesmo pretendia publicá-lo. Depois disso, ele não apenas se recusou a publicá-lo como também tentou restaurar a reputação conservadora de La Boétie declarando sucessivas vezes que seu amigo tinha 18 anos, e depois 16, quando escreveu o ensaio. No entanto, por sua vez, mesmo os huguenotes tomaram precauções ao usar La Boétie. “Apesar do espírito

⁵⁶ Veja J.H.M. Salmon, *The French Religious Wars in English Political Thought* (Oxford: Clarendon Press, 1959), p. 19n.

⁵⁷ O terceiro volume do *Memoires de L'estat de France* (1576). Veja Bonnefon, “Introduction,” op. cit., pp. xlix-l.

atrativo do ensaio de La Boétie,” escreveu Howard Laski, “o republicanismo manifesto e acadêmico era duro de ser digerido para a época. Não que La Boétie tenha sido pouco influente; mas ele foi usado tão cautelosamente quanto um bispo anglicano teria, nos anos de 1960, usado o darwinismo”.⁵⁸

Quase completamente esquecido nos tempos mais pacíficos da primeira metade do século XVII na França, o *Discurso* voltou a se popularizar durante o Iluminismo do século XVIII, por ter sido publicado como um suplemento aos ensaios de Montaigne, porém não foi particularmente influente. Finalmente, e nada surpreendente, o ensaio encontrou seu metier no meio da Revolução Francesa, quando foi republicado por duas vezes. Depois o

⁵⁸ Laski, op. cit., p. 24.

radical Abbe de Lammenais republicou o *Discurso* com um prefácio “violento” escrito por ele mesmo, e o mesmo foi feito por outro escritor em 1852 para rechaçar o coup d’etat de Napoleão III. E já vimos como o *Discurso* inspirou a ala não violenta do movimento anarquista nos séculos XIX e XX. Com o passar dos séculos, o argumento abstrato do *Discurso* continuou a fascinar os radicais e os revolucionários. O pensamento especulativo do jovem estudante de direito se vingava postumamente do respeitável e eminente funcionário do parlamento de Bordeaux.

O *Discurso* de La Boétie possui importância fundamental para os leitores atuais — importância essa que vai muito além do simples prazer de ler esta grande e seminal obra de filosofia política, ou, para os libertários, de ler o primeiro grande filósofo político libertário do mundo ocidental. Pois La Boétie trata claramente do problema que todos os libertários — na verdade, todos os oponentes do despotismo — consideram particularmente complicado: o

problema da estratégia. Diante do devastador e aparentemente insuperável poder do estado moderno, como um mundo livre e bem diferente pode ser alcançado? Como é possível sair da situação A e ir para a B, de um mundo de tirania para um mundo de liberdade? Exatamente por causa de sua metodologia abstrata e atemporal, La Boétie oferece insights vitais para este eterno problema.

Em primeiro lugar, o insight de La Boétie de que qualquer estado, independente do quão brutal e despótico seja, no longo prazo depende do consentimento da maioria do povo, ainda não foi assimilado pela consciência dos intelectuais que se opõem ao despotismo do estado. Repare, por exemplo, quantos anticomunistas escrevem como se o governo comunista fosse apenas um terror imposto de cima sobre as massas descontentes e zangadas. Muitos dos erros da política externa norte americana partiram da premissa de que a maioria da população de um país jamais poderia aceitar e acreditar nas ideias

comunistas, que portanto deveriam ser impostas por uma pequena facção ou por agentes externos de países já comunistas. Entre os pensadores políticos modernos, somente Ludwig von Mises destacou apropriadamente o fato de que todos os governos dependem necessariamente do consentimento da maioria.

Já que o governo despótico vai contra os interesses da maior parte da população, como então se dá este consentimento? Novamente, La Boétie destaca o ponto de que este consentimento é projetado, em grande medida pela propaganda bombardeada pelos governantes e seus apologistas intelectuais sobre o povo. Os instrumentos — de pão e circo, de mistificação ideológica — que os governantes de hoje usam para seduzir as massas e conquistar seu consentimento, permanecem os mesmos dos tempos de La Boétie. A única diferença é o enorme aumento do uso de intelectuais especialistas a serviço dos governantes. Mas neste caso, a principal tarefa dos oponentes das tiranias modernas é

educacional: fazer o povo acordar para este processo, desmistificar e dessantificar o aparato estatal. Além disso, La Boétie analisa tanto a engenharia do consentimento como a engenharia do papel desempenhado pelos burocratas e outros grupos de interesses econômicos que se beneficiam do estado, destaca outro problema crucial que muitos oponentes do estatismo foram incapazes de identificar: que a questão da estratégia não é somente a de educar o povo sobre os “erros” cometidos pelo governo. Pois muito do que o estado faz não é de maneira nenhum um erro quando considerado a partir do seu próprio ponto de vista, e sim um meio de maximizar seu poder, influência e renda. É preciso compreender que estamos enfrentando uma poderosa máquina de poder e de exploração econômica, e que, portanto, a educação libertária no mínimo deve incluir uma exposição desta exploração, e dos grupos de interesses econômicos e de intelectuais apologistas que se beneficiam do poder do estado. Ao se limitarem a análises dos supostos “erros” intelectuais, os oponentes das

intervenções governamentais se auto-inutilizaram. Pois antes de qualquer coisa, eles transmitiram sua contrapropaganda para um público que não tinha a capacidade ou o interesse de acompanhar análises complexas de erros, e que conseqüentemente podem facilmente ser enganado novamente pelos especialistas utilizados pelo estado. Estes especialistas também devem ser dessantificados, e mais uma vez La Boétie reforça a necessidade desta dessantificação.

O teórico libertário Lysander Spooner, escrevendo mais de 400 anos depois de La Boétie, propôs a visão similar de que os apoiadores do governo eram em grande parte “tolos” e “desonestos”:

Os ostensivos defensores da Constituição, assim como os ostensivos defensores da maioria dos demais governos, são constituídos de três classes: 1. Os Desonestos, uma classe ativa e numerosa, que veem no governo um

instrumento que podem usar em benefício de sua própria reputação ou riqueza. 2. Os Tolos – uma classe maior, sem dúvida — cada um deles, devido ao fato de lhe permitirem um voto entre milhões para decidir o que ele pode fazer ou não com sua própria pessoa e sua própria propriedade, e porque lhe permitem o mesmo voto para decidir sobre o roubo, escravização e assassinato de outros, que o voto que os outros possuem para decidir roubar, escravizar e assassiná-lo, é estúpido o suficiente para pensar que é um “homem livre”, um “soberano”; pensar que esse é um “governo livre”, um “governo de direitos iguais”, o “melhor governo do mundo”, e absurdos parecidos. 3. Uma classe que possui alguma consciência dos malefícios do governo, mas que ou não vê como se livrar dele, ou escolhe não sacrificar seus interesses pessoais para se entregar com seriedade e

sinceridade à tarefa de trabalhar por uma mudança.⁵⁹

Portanto, a principal tarefa da educação não é somente um insight abstrato sobre os “erros” do governo ao não conseguir aumentar a prosperidade geral, mas sim esclarecer o povo sobre toda a natureza e os procedimentos do estado despótico. La Boétie também nos fala sobre esta tarefa ao destacar a importância de uma elite de vanguarda antenada formada por intelectuais libertários e antiestatistas. O papel deste “núcleo” — entender a essência do estatismo e dessantificar o estado perante os olhos e mentes do resto da população — é crucial para o potencial sucesso de qualquer movimento que vise uma sociedade

⁵⁹ Lysander Spooner, *No Treason: The Constitution of No Authority* (Colorado Springs, Co.: Ralph Myles Pub., 1973), p.18. *No Treason.*

livre. Portanto, descobrir, aglutinar, fomentar, e promover este núcleo, torna-se a mais importante tarefa libertária — uma tarefa que muitos libertários desconhecem completamente. Pois não há níveis de opressão ou miséria que possam levar ao sucesso de um movimento pela liberdade sem que tal núcleo exista e seja capaz de educar e arregimentar os intelectuais e o público em geral.

La Boétie também sugere a importância de se encontrar e encorajar alas insatisfeitas do aparato governamental, e de estimulá-las a romperem com o poder e apoiar a oposição ao despotismo. Embora este esteja longe de ser o principal papel de um movimento libertário, todos os movimentos de sucesso contra a tirania do estado na história se utilizaram dessa insatisfação e dos conflitos internos, especialmente em seus estágios mais avançados.

La Boétie foi também o primeiro teórico a, depois de enfatizar a importância do consentimento, passar a enfatizar a

importância estratégica de se derrubar a tirania ao fazer com que o povo retire este consentimento. Consequentemente, La Boétie foi o primeiro teórico da estratégia popular de desobediência civil não violenta das ordens e extorsões do estado. É difícil fazer considerações de ordem prática sobre tal tática, até porque ela foi muito pouco utilizada.

Mudando de assunto, La Boétie oferece um insight otimista sobre o futuro de uma sociedade livre. Ele observa que uma vez que o povo viva sob uma tirania durante um bom tempo, ele se acostuma com ela, e não consegue enxergar a possibilidade de uma sociedade alternativa. Porém, isso significa que se o despotismo do estado chegar a ser removido, seria extremamente difícil que o estatismo fosse imposto novamente. A proteção fornecida pelo hábito desapareceria, e o estatismo seria reconhecido por todos como a tirania que ele é. Se algum dia uma sociedade livre chegar a ser estabelecida, as chances

dela se manter livre são extremamente altas.

Mesmo que sem orientação, o povo está cada vez mais revoltado, não apenas contra os impostos abusivos, mas também contra toda a mística — cuidadosamente cultivada — do governo. Há vinte anos, quando a historiadora Cecilia Kenyon escreveu sobre os Anti-Federalistas que se opunham à adoção da Constituição americana, os desprezou por serem “homens sem fé” — quer dizer, sem fé num governo central forte.⁶⁰ Hoje em dia já é difícil encontrar alguém com este tipo de fé cega no governo. Numa época como a que estamos vivendo, pensadores como Étienne de La Boétie são muito mais relevantes, e muito

⁶⁰ Cecilia Kenyon, “Men of Little Faith: the Anti-Federalists on the Nature of Representative Government,” *William and Mary Quarterly* (1955), pp. 3-46.

mais genuinamente modernos, do que foram por todo o século que passou.

O Discurso da Servidão Voluntária

*Em ter vários senhores nenhum
bem sei,*

*Que um seja o senhor, e que um só
seja o rei.*

Dizia Ulisses em Homero, falando em público. Se nada mais tivesse dito, senão: Em ter vários senhores nenhum bem sei, estaria tão bem dito que bastaria; mas se para raciocinar precisava dizer que a dominação de vários não podia ser boa, pois o poderio de um só é duro e insensato tão logo tome o título de senhor, em vez disso foi acrescentar o contrário: Que um só seja o senhor, e que um só seja o rei.

Talvez fosse preciso desculpar Ulisses, que possivelmente precisava então de usar essa linguagem para acalmar a revolta do exército, conformando, creio eu, suas palavras mais ao tempo do que à verdade. Mas para falar com conhecimento de causa, é um extremo infortúnio estar-se sujeito a um senhor, o qual nunca se pode se certificar de que seja bom, pois sempre está em seu poderio ser mau quando quiser; e em ter vários senhores, quantos se tiver quantas vezes se é extremamente infeliz. Se por hora não quero debater essa questão tão tormentosa — se as outras formas de república são melhores do que a monarquia — gostaria ainda de saber, antes de pôr em dúvida a posição que a monarquia deve ter entre as repúblicas, se ela deve ter alguma, pois é difícil acreditar que haja algo público nesse governo onde tudo é de um. Mas tal questão está reservada para um outro tempo e exigiria um tratado à parte, ou melhor, acarretaria por si mesma todas as disputas políticas.

Por hora gostaria apenas de entender como pode ser que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações suportam às vezes um tirano só, que tem apenas o poderio que eles lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto têm vontade de suportá-lo, que não poderia fazer-lhes mal algum senão quando preferem tolerá-lo a contradizê-lo. Coisa extraordinária, por certo; e porém tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitiçados apenas pelo nome de um, de quem não devem temer o poderio pois ele é só, nem amar as qualidades pois é desumano e feroz para com eles. Entre nós, homens, a fraqueza é tal que frequentemente precisamos obedecer à força; há necessidade de contempORIZAR, nem sempre podemos ser os mais fortes. Portanto, se uma nação é obrigada pela força da guerra a servir a um, como a cidade de Atenas aos trinta tiranos, não é de

se espantar que ela sirva, mas de se lamentar o acidente; ou melhor, nem espantar-se nem lamentar-se e sim carregar o mal pacientemente e reservar-se para melhor fortuna no futuro.

Nossa natureza é de tal modo feita que os deveres comuns da amizade levam uma boa parte do curso de nossa vida; é razoável amar a virtude, estimar os belos feitos, reconhecer o bem de onde o recebemos, e muitas vezes diminuir nosso bem-estar para aumentar a honra e a vantagem daquele que se ama e que o merece. Em consequência, se os habitantes de um país encontraram algum grande personagem que lhes tenha dado provas de grande providência para protegê-los, grande audácia para defendê-los, grande cuidado para governá-los, se doravante cativam-se em obedecê-lo e se fiam tanto nisso a ponto de lhe dar algumas vantagens, não sei se seria sábio tirá-lo de onde fazia o bem para colocá-lo num lugar onde poderá malfazer; mas certamente não poderia deixar de

haver bondade em não temer o mal de quem só se recebeu o bem.

Mas, ó Deus, o que pode ser isso? Como diremos que isso se chama? Que infortúnio é esse? Que vício, ou antes, que vício infeliz ver um número infinito de pessoas não obedecer mas servir, não serem governadas mas tiranizadas, não tendo nem bens, nem parentes, mulheres nem crianças, nem sua própria vida que lhes pertença; aturando os roubos, os deboches, as crueldades, não de um exército, de um campo bárbaro contra o qual seria preciso despender seu sangue e sua vida futura, mas de um só; não de um Hércules nem de um Sansão, mas de um só homenzinho, no mais das vezes o mais covarde e feminino da nação, não acostumado à pólvora das batalhas mas com muito custo à areia dos torneios, incapaz de comandar os homens pela força mas acanhado para servir vilmente à menor mulherzinha. Chamaremos isso de covardia? Diremos que os que servem são covardes e moídos? É estranho, porém possível, que dois, três, quatro não

se defendam de um; poder-se-á então dizer com razão que é falta de fibra. Mas se cem, se mil aguentam um só, não se diria que não querem, que não ousam atacá-lo, e que não se trata de covardia e sim de desprezo ou desdém? Se não vemos cem, mil homens, mas cem países, mil cidades, um milhão de homens não atacarem um só, de quem o mais bem tratado de todos recebe esse mal de ser servo e escravo, como poderemos nomear isso? Será covardia? Ora, naturalmente em todos os vícios há algum limite além do qual não podem passar; dois podem temer um e talvez dez; mas mil, um milhão, mil cidades, se não se defendem de um, não é covardia, que não chega a isso, assim como a valentia não chega a que um só escale uma fortaleza, ataque um exército, conquiste um reino. Então, que monstro de vício é esse que ainda não merece o título de covardia, que não encontra um nome feio o bastante, que a natureza negasse ter feito, e a língua se recusa nomear?

Que se ponham cinquenta mil homens em armas de um lado, outro tanto de

outro, que sejam alinhados em posição de combate, que acabem encontrando-se, uns livres combatendo por sua franquia, os outros para tirá-la deles: a quem por conjectura será prometida a vitória, quem se pensará que vai mais galhardamente à luta, os que esperam como recompensa de suas penas a manutenção de sua liberdade ou os que não podem esperar outro salário dos golpes que dão ou que recebem senão a servidão de outrem? Uns têm sempre diante dos olhos a felicidade da vida passada, a espera de alegria semelhante no futuro; não se lembram tanto desse pouco que suportam enquanto dura uma batalha, mas do que lhes será conveniente suportar para sempre, eles, seus filhos e toda a posteridade; os outros nada têm que os encoraje senão uma pontinha de cupidez, que de repente some diante do perigo e que ao que parece não pode ser tão ardente a ponto de apagar-se à menor gota de sangue que saia de suas feridas. Nas tão famosas batalhas de Milcíades, de Leônidas, de Temístocles, que ocorreram há dois mil anos e que ainda hoje estão tão frescas na memória dos

livros e dos homens como se fosse ontem, que ocorreram na Grécia para o bem dos Gregos e exemplo para o mundo inteiro — o que pensar que deu a tão pouca gente, como eram os Gregos, não o poder, mas a fibra para sustentar a força de tantos navios que o próprio mar estava carregado, para derrotar tantas e tão numerosas nações que o esquadrão dos Gregos não teria bastado se fossem precisos capitães aos exércitos dos inimigos, senão que, ao que parece, naqueles dias gloriosos, não se tratava da batalha dos Gregos contra os Persas mas da vitória da liberdade sobre a dominação, da franquia sobre a cobiça?

É estranho ouvir falar da bravura que a liberdade põe no coração daqueles que a defendem; mas o que, em todos os países, em todos os homens, todos os dias, faz com que um homem trate cem mil como cachorros e os prive de sua liberdade? Quem acreditaria nisso se em vez de ver apenas ouvisse dizer? E se se dissesse que isso só ocorria em países estranhos e terras longínquas, quem não pensaria que

era inventado e achado e não verdadeiro? No entanto, não é preciso combater esse único tirano, não é preciso anulá-lo; ele se anula por si mesmo, contanto que o país não consinta a sua servidão; não se deve tirar-lhe coisa alguma, e sim nada lhe dar; não é preciso que o país se esforce a fazer algo para si, contanto que nada faça contra si. Portanto são os próprios povos que se deixam, ou melhor, se fazem dominar, pois cessando de servir estariam quites; é o povo que se sujeita, que se degola, que, tendo a escolha entre ser servo ou ser livre, abandona sua franquia e aceita o jugo; que consente seu mal — melhor dizendo, persegue-o. Eu não o exortaria se recobrar sua liberdade lhe custasse alguma coisa; como o homem pode ter algo mais caro que restabelecer-se em seu direito natural e, por assim dizer, de bicho voltar a ser homem? Mas ainda não desejo nele tamanha audácia, permito-lhe que prefira não sei que segurança de viver miseravelmente a uma duvidosa esperança de viver à sua vontade. Que! Se para ter liberdade basta desejá-la, se basta um simples querer, haverá nação

no mundo que ainda a estime cara demais, podendo ganhá-la com uma única aspiração, e que lastime sua vontade para recobrar o bem que deveria resgatar com seu sangue — o qual, uma vez perdido, toda a gente honrada deve estimar a vida desprezível e a morte salutar? Como o fogo de uma pequena chama torna-se grande e sempre cresce, e quanto mais lenha encontra mais está disposto a queimar; e sem que se jogue água para apagá-lo, é só não pôr mais lenha que ele, não tendo mais o que consumir, consome-se a si mesmo e vem sem força alguma, e não mais fogo — assim também, por certo, os tiranos quanto mais pilham mais exigem, quanto mais arruinam e destroem, mais se lhes dá, quanto mais são servidos, mais se fortalecem, e se tornam cada vez mais fortes e dispostos a tudo aniquilar e destruir; e se nada se lhes dá, se não se lhes obedece, sem lutar, sem golpear, ficam nus e desfeitos, e não são mais nada, como o galho se torna seco e morto quando a raiz não tem mais humor ou alimento.

Para adquirir o bem que querem, os audaciosos não temem o perigo, os avisados não rejeitam a dor; os covardes e embotados não sabem suportar o mal nem recobrar o bem, limitam-se a aspirá-los, e a virtude de sua pretensão lhes é tirada por sua covardia; por natureza fica-lhes o desejo de obtê-lo. Esse desejo, essa vontade de aspirar a todas as coisas que, uma vez adquiridas, os tornariam felizes e contentes, é comum aos sensatos e aos indiscretos, aos corajosos e aos covardes. Resta dizer uma única coisa, a qual não sei como falece natureza aos homens para desejá-la. É a liberdade, todavia um bem tão grande e tão aprazível que, uma vez perdido, todos os males seguem de enfiada; e os próprios bens que ficam depois dela perdem inteiramente seu gosto e sabor, corrompidos pela servidão. Só a liberdade os homens não desejam; ao que parece não há outra razão senão que, se a desejassem, tê-la-iam; como se se recusassem a fazer essa bela aquisição só porque ela é demasiado fácil.

Pobres e miseráveis povos insensatos, nações obstinadas em vosso mal e cegas ao vosso bem! Deixais levar, à vossa frente, o mais belo e o mais claro de vossa renda, pilhar vossos campos, roubar vossas casas e despojá-las dos móveis antigos e paternos; viveis de tal modo que não podeis vos gabar de que algo seja vosso; e pareceria ser agora uma grande fortuna para vós conservar a meias vossos bens, vossas famílias e vossas vidas vis; e todo esse estrago, esse infortúnio, essa ruína vos advêm não dos inimigos mas sim, por certo, do inimigo, e daquele que engrandeceis, por quem ides tão valorosamente à guerra, para a grandeza de quem não vos recusais a apresentar vossas pessoas à morte. Aquele que vos domina tanto só tem dois olhos, só tem duas mãos, só tem um corpo, e não tem outra coisa que o que tem o menor homem do grande e infinito número de vossas cidades, senão a vantagem que lhe dais para destruir-vos. De onde tirou tantos olhos com os quais vos espia, se não os colocais a serviço dele? Como tem tantas mãos para golpear-vos, se não as toma de

vós? Os pés com que espezinha vossas cidades, de onde lhe vêm senão dos vossos? Como ele tem algum poder sobre vós, senão por vós? Como ousaria atacar-vos se não estivesse conivente convosco? Que poderia fazer-vos se não fósseis receptadores do ladrão que vos pilha, cúmplices do assassino que vos mata, e traidores de vós mesmos? Semeais vossos frutos para que deles faça o estrago; mobiliais e encheis vossas casas para alimentar suas pilhagens; criais vossas filhas para que ele tenha com que embebedar sua luxúria, criais vossos filhos para que ele faça com eles o melhor que puder, leve-os em suas guerras, conduza-os à carnificina, torne-os ministros de suas cobiças e executores de suas vinganças; na dor arrebeis vossas pessoas para que ele possa mimar-se em suas delícias e chafurdar nos prazeres sujos e vis; ficais mais fracos para torná-lo mais forte e rígido mantendo mais curta a rédea; e de tantas indignidades — que os próprios bichos ou não as sentiriam ou não o suportariam — podeis vos livrar se tentais, não vos livrar mas apenas querer fazê-lo.

Decidi não mais servir e sereis livres; não pretendo que o empurreis ou sacudais, somente não mais o sustentai, e o vereis como um grande colosso, de quem subtraiu-se a base, desmanchar-se com seu próprio peso e rebentar-se.

Mas os médicos certamente aconselham que não se ponha a mão nas feridas incuráveis; e não sou sensato ao querer pregar isso ao povo que há muito perdeu todo conhecimento e que, por não sentir mais o seu mal, bem mostra que sua doença é mortal. Por conjectura procuremos então, se pudermos achar, como enraizou-se tão antes essa obstinada vontade de servir que agora parece que o próprio amor da liberdade não é tão natural.

Em primeiro lugar creio não haver dúvida de que, se vivêssemos com os direitos que a natureza nos deu e com as lições que nos ensina, seríamos naturalmente obedientes aos pais, sujeitos à razão e servos de ninguém. Da obediência que cada um, sem outra advertência que a de sua

natureza, presta a seus pai e mãe todos os homens testemunham, cada um por si. Da razão que nasce conosco ou não, o que é uma questão debatida a fundo pelos acadêmicos e abordada por toda a escola dos filósofos, por ora não pensaria falhar ao dizer o seguinte: há em nossa alma alguma semente natural de razão que, mantida por bom conselho e costume, floresce em virtude e, ao contrário, frequentemente sufocada, aborta, não podendo enfrentar os vícios sobrevindos. Mas, por certo se há algo claro e notório na natureza, e ao qual não se pode ser cego é que a natureza, ministra de deus e governante dos homens, fez-nos todos da mesma forma e, ao que parece, na mesma fôrma, para que nos entreconhecêssemos todos como companheiros, ou melhor, como irmãos. E se, fazendo as partilhas dos presentes que ela nos dava, cedeu alguma vantagem de seu bem ao corpo ou no espírito, a uns mais que aos outros, no entanto não entendeu colocar-nos neste mundo como em um campo cerrado e não enviou para cá os mais fortes nem os mais espertos como bandidos armados numa

floresta, para aí dominar os mais fracos; mas, antes, é de se crer que, atribuindo assim as partes maiores a uns, aos outros as menores, queria fazer lugar ao afeto fraterno para que ele tivesse onde ser empregado, tendo uns o poderio de dar ajuda, os outros necessidade de recebê-la. E de resto, se essa boa mãe deu-nos a todos a terra inteira por morada, alojou-nos todos na mesma casa, figurou-nos todos no mesmo padrão, para que cada um pudesse mirar-se e quase reconhecer um no outro; se ela nos deu a todos o grande presente da voz e da fala para convivermos e confraternizarmos mais, e fazermos, através da declaração comum e mútua de nossos pensamentos, uma comunhão de nossas vontades; e se tratou por todos os meios de estreitar e apertar tão forte o nó de nossa aliança e sociedade; se em todas as coisas mostrou que ela não queria tanto fazer-nos todos unidos mas todos uns — não se deve duvidar de que sejamos todos naturalmente livres, pois somos todos companheiros; e não pode cair no entendimento de ninguém que a natureza tenha posto algum

em servidão, tendo-nos posto todos em companhia.

Mas em verdade de nada serve debater se a liberdade é natural, pois não se pode manter alguém em servidão sem mal-fazer e nada há mais contrário ao mundo que a injúria, posto que a natureza é completamente razoável. Portanto, resta à liberdade ser natural do mesmo modo que, no meu entender, nascemos não somente de posse de nossa franquia mas também com afeição para defendê-la. Ora, se por acaso temos alguma dúvida a respeito e abastardamo-nos tanto que não podemos reconhecer nossos bens assim como nossas nativas afeições, será preciso que eu vos faça a honra que é vossa e, por assim dizer, alce os bichos brutos ao púlpito para ensinar-vos vossa natureza e condição. Os bichos — valha-me Deus! — se os homens não se fizerem de surdos, gritam-lhes: viva a liberdade! Entre eles há vários que morrem logo que são capturados, como o peixe que abandona a vida ao mesmo tempo que a água; do mesmo modo deixam a luz e não

querem sobreviver à sua franquia natural. Se os animais tivessem entre si algumas preeminências, fariam destas sua nobreza. Os outros, dos maiores aos menorzinhos, quando são capturados resistem tanto com as unhas, os chifres, o bico e os pés que declaram o quanto prezam o que perdem; uma vez capturados dão-nos tantos sinais notórios do conhecimento que têm de seu infortúnio, que é bonito de se ver que doravante há mais langor que vida, e que continuam vivendo mais para lamentar sua liberdade perdida do que para se comprazer na servidão. Que outra coisa quer dizer o elefante — que, tendo se defendido até não poder mais, não vendo mais finalidade nisso, encontrando-se na iminência de ser capturado, crava suas mandíbulas e quebra seus dentes nas árvores — senão que seu grande desejo de permanecer livre como é inspira-o e o aconselha a negociar com os caçadores se ficará livre a troco de seus dentes e se será autorizado a dar seu marfim e pagar esse resgate por sua liberdade? Cevamos o cavalo desde que nasce para acostumá-lo a servir; e embora saibamos

acariciá-lo tão bem, quando está sendo domado ele morde o freio, escoiceia contra a espora, como, parece, para mostrar à natureza e assim ao menos testemunhar que, se serve, não é por sua vontade, mas por nossa imposição. O que dizer então?

Até os bois gemem sob o peso do jugo; e na gaiola os pássaros se debatem — como eu disse outrora passando o tempo em nossas rimas francesas. Pois escrevendo a ti, ó Longa, temo misturar meus versos que nunca te leio para que, aparentando contentamento, não me faças sentir-me todo glorioso. Em suma, se todas as coisas que têm sentimento, assim que os têm, sentem o mal da sujeição e procuram a liberdade; se os bichos sempre feitos para o serviço do homem só conseguem acostumar-se a servir com o protesto de um desejo contrário — que mau encontro foi esse que pôde desnaturar tanto o homem, o único nascido de verdade para viver francamente, e fazê-lo perder a lembrança de seu primeiro ser e o desejo de retomá-lo?

Há três tipos de tiranos: uns obtêm o reino por eleição do povo; outros pela força das armas; outros por sucessão de sua raça. Como se sabe bem, os que o adquiriram pelo direito da guerra comportam-se nele como se estivessem (costuma-se dizer) em terra conquistada. Comumente os que nascem reis não são melhores, pois tendo nascido e sido criados no seio da tirania sugam a natureza do tirano com o leite, e agem com os povos a eles submetidos como com seus servos hereditários; e segundo a compleição a que estão mais inclinados, são avaros ou pródigos, tratando o reino como à sua herança. Parece-me que aquele a quem o povo deu o estado deveria ser mais suportável e creio que o seria; mas assim que se vê elevado acima dos outros, lisonjeado com um não sei quê que chamam de grandeza, decide não sair mais — comumente ele age para passar a seus filhos o poderio que o povo lhe outorgou; e desde que adotaram essa opinião, é estranho como superam os outros tiranos em vícios de todo tipo e até em crueldade, não vendo outro meio de garantir a nova tirania

senão estreitando bastante a servidão e afastando tanto seus súditos da liberdade que, embora sua lembrança seja fresca, possam fazer com que a percam. Assim, para dizer a verdade, vejo que existe entre eles alguma diferença; mas escolha nenhuma vejo; pois se diversos são os meios de aos reinados chegar, quase sempre semelhante é maneira de reinar. Os eleitos os tratam como se tivessem pegado touros para domar; os conquistadores os consideram presa sua; os sucessores pensam tratá-los como seus escravos naturais.

A propósito, se porventura nascesse hoje alguma gente novinha, nem acostumada à sujeição nem atraída pela liberdade, que de uma e de outra nem mesmo o nome soubesse, se lhe propusessem ser servos ou viver livres, com que leis concordaria? Não há dúvida de que prefeririam somente à razão obedecer do que a um homem servir; a menos que fosse como a de Israel que, sem coerção e nenhuma precisão, deu a si mesma um tirano. Povo cuja história nunca leio sem enorme

indignação, a ponto de quase tornar-me desumano, por rejubilar-me com tantos males que lhe sucederam. Mas certamente para que todos os homens, enquanto têm algo de homem, deixem-se sujeitar, é preciso um dos dois: que sejam forçados ou iludidos. Forçados pelas armas estrangeiras, como Esparta ou Atenas pelas forças de Alexandre; ou pelas facções, como havia se tornado a Senhoria de Atenas nas mãos de Pisístrato. Por ilusão, eles muitas vezes perdem a liberdade; mas nisso não são enganados por outrem com a frequência com que são iludidos por si mesmos. Como o povo de Siracusa, principal cidade da Sicília (dizem-me que hoje se chama Saragoça), que, na iminência de guerras, reparando irrefletidamente apenas no perigo presente, elevou a tirano Dionísio I e encarregou-o de conduzir o exército; e não atinou que o havia engrandecido tanto que quando esse patife voltou vitorioso, fez-se de capitão rei, e de rei tirano, como se não tivesse vencido seus inimigos mas seus cidadãos. É incrível como o povo, quando se sujeita, de repente cai no esquecimento da

franquia tanto e tão profundamente que não lhe é possível acordar para recobrá-la, servindo tão francamente e de tão bom grado que ao considerá-lo dir-se-ia que não perdeu sua liberdade e sim ganhou sua servidão. É verdade que no início serve-se obrigado e vencido pela força; mas os que vêm depois servem sem pesar e fazem de bom grado o que seus antecessores haviam feito por imposição. Desse modo os homens nascidos sob o jugo, mais tarde educados e criados na servidão, sem olhar mais longe, contentam-se em viver como nasceram; e como não pensam ter outro bem nem outro direito que o que encontraram, consideram natural a condição de seu nascimento. E no entanto não há herdeiro tão pródigo e despreocupado que às vezes não corra os olhos nos registros de seu pai para ver se goza de todos os direitos de sua herança ou se não o usurparam ou a seu predecessor. Mas o costume, que por certo tem em todas as coisas um grande poder sobre nós, não possui em lugar nenhum virtude tão grande quanto a seguinte: ensinar-nos a servir — e como se diz de

Mitridates que se habituou a tomar veneno — para que aprendamos a engolir e não achar amarga a peçonha da servidão. Não se pode negar que a natureza tem em nós parte bastante para puxar-nos para onde quer e nos reconhecer bem ou mal nascidos; porém, maldita seja a natureza se se deve confessar que ela tem em nós menos poder do que o costume — pois por melhor que seja, o natural se perde se não é cultivado — e que o alimento sempre nos conforma à sua maneira. As sementes do bem que a natureza põe em nós são tão miúdas e escorregadias que não podem suportar o menor choque do alimento contrário: abastardam-se mais facilmente do que se mantêm, dissolvem-se e se anulam tanto quanto as árvores frutíferas que têm um natural próprio que conservam se as deixam crescer, mas logo abandonam para dar outros frutos estranhos e não os seus próprios se as enxertam. Cada erva tem sua propriedade, seu natural e singularidade; todavia o gelo, o tempo, a terra ou a mão do jardineiro nela aumentam ou diminuem muito de sua virtude: a planta que se viu num

lugar, noutros não se consegue reconhecer. Quem visse os Venezianos — punhado de gente vivendo tão livremente que o pior deles não almejaria ser o rei de todos, nascidos e criados de tal modo que não reconhecem nenhuma ambição senão a de serem os melhores para vigiar e mais cuidadosamente tomar conta do mantimento da liberdade; de tal modo ensinados e formados desde o berço que não aceitariam todas as outras alegrias da terra para perder a menor parcela de sua franquia — quem tivesse visto, digo, esses personagens e de lá fosse para as terras daquele que chamamos grão-senhor, ao ver ali gente que só quer ter nascido para servi-lo e que para manter seu poderio abandona a vida, pensaria que estes e os outros têm um mesmo natural ou, em vez, estimaria que, tendo saído de uma cidade de homens, entrara num parque de bichos? Dizem que Licurgo, o governante de Esparta, criara dois cães irmãos, ambos amamentados com o mesmo leite, um engordado na cozinha, o outro acostumado pelos campos ao som da trompa e do cornetim, querendo mostrar ao povo

lacedemônio que os homens são como a criação os faz, pôs os dois cães no meio do mercado e entre eles uma sopa e uma lebre; um correu para o prato e o outro para a lebre embora, diz ele, fossem irmãos. Portanto, com suas leis e seu governo, ele criou e formou tão bem os Lacedemônios que cada um deles preferiria morrer mil mortes a reconhecer outro senhor que a lei e a razão.

Tenho prazer ao lembrar as palavras que outrora disseram um dos favoritos de Xerxes, o grande rei dos Persas, e dois Lacedemônios. Quando Xerxes aparelhava seu grande exército para conquistar a Grécia, enviou seus embaixadores às cidades gregas pedindo água e terra: era a maneira que os Persas tinham de intimar as cidades à rendição. Não enviou a Atenas nem a Esparta porque os que seu pai Dario enviara, os Atenienses e Espartanos haviam lançado nos fossos uns, nos poços os outros, dizendo-lhes que valentemente pegassem ali água e terra para levar a seu príncipe; essa gente não podia suportar que sequer

através da fala se tocasse em sua liberdade. Por terem agido assim, os Espartanos souberam que haviam incorrido na ira dos deuses, até de Taltíbio, o deus dos arautos; e para apaziguá-los ousaram enviar a Xerxes dois de seus cidadãos para que a ele se apresentassem e que fizesse deles o que quisesse, sendo assim recompensado pelos embaixadores de seu pai que haviam matado. Dois Espartanos, um chamado Espértias e o outro Búlis, ofereceram-se para ir fazer tal pagamento; de fato foram e, a caminho, chegaram ao palácio de um Persa que se chamava Hidarnes e era administrador do rei para todas as cidades da Ásia que se encontram à beira-mar. Este os recebeu com honrarias e grande amabilidade; e após várias palavras, uma puxando a outra, perguntou-lhes por que recusavam tanto a amizade do rei. Vede, Espartanos, disse ele, e através de mim reconheci como o rei sabe honrar os que o defendem e pensai que se dele dependêsseis faria o mesmo convosco; se dele dependêsseis e se ele vos tivesse conhecido, não há dentre vós quem não seria senhor de uma cidade da Grécia.

Quanto a isso, Hidarnes, não poderias dar-nos bom conselho, disseram os Lacedemônios, pois tentaste o bem que nos prometes; mas aquele que gozamos, não sabes o que é; conheceste o tavor do rei; mas da liberdade nada sabes — que gosto tem, como é doce. Ora, se dela tivesses provado, tu mesmo nos aconselharias a defendê-la, não com a lança e o escudo mas com unhas e dentes. Só o Espartano dizia o que era preciso dizer; mas certamente ambos falavam como haviam sido criados. Pois não era possível que o Persa lamentasse a liberdade, não a tendo tido nunca, nem que o Lacedemônio suportasse a sujeição, tendo provado da franquia.

Quando Catão, o uticano, ainda criança e debaixo de vara, com frequência ia e vinha em casa do ditador Sila, jamais lhe fechavam a porta, em razão do lugar e da casa de onde procedia, como também porque eram parentes próximos. Seu mestre sempre o acompanhava quando lá ia, como estão acostumadas as crianças de família ilustre. Observou que em casa de Sila, em

sua presença ou por ordem sua, prendiam-se uns, condenavam-se outros, um era bandido, outro estrangulado, um pedia o confisco de um cidadão, outro a cabeça: em suma, tudo se passava ali como se fosse não a casa de um oficial de cidade, mas de um tirano de povo; e não era um tribunal de justiça, mas uma oficina de tirania. Disse então a seu mestre o jovem rapaz: por que não me dais um punhal? Eu o esconderei sob minha toga; entro com frequência no quarto de Sila antes dele se levantar; tenho o braço bastante forte para livrar a cidade dele. Eis aí com certeza uma fala de Catão: era o começo desse personagem digno de sua morte. E, no entanto, que não se diga seu nome nem seu país, que se conte apenas o fato como é — a coisa falará por si; e se adivinhará que era Romano, nascido em Roma, quando esta era livre. Por que tudo isto? Por certo não porque eu estime que o país e a terra queiram dizer alguma coisa; pois em todas as regiões, em todos os ares, amarga é a sujeição e aprazível ser livre; mas porque em meu entender deve-se ter piedade daqueles que

ao nascer viram-se com o jugo no pescoço; ou então que sejam desculpados, que sejam perdoados, pois não tendo visto da liberdade sequer a sombra e dela não estando avisados, não percebem que ser escravos lhes é um mal. Como diz Homero dos Cimerios, se houvesse algum país onde o sol se mostrasse de outro modo que a nós e depois de tê-los iluminado por seis meses seguidos os deixasse dormentes na escuridão sem vir revê-los o outro meio ano — seria de se espantar se os que tivessem nascido durante a longa noite não tivessem ouvido falar da claridade, se não tendo visto dias se acostumassem às trevas em que nasceram sem desejar a luz? Nunca se lamenta o que nunca se teve e o pesar só vem depois do prazer; e com o conhecimento do mal sempre está a lembrança da alegria que passou. A natureza do homem é mesmo de ser franco e querer sê-lo; mas, também sua natureza é tal que naturalmente ele conserva a feição que a educação lhe dá. Portanto, digamos então que ao homem todas as coisas lhe são como que naturais; nelas se cria e acostuma; mas só ele é ingênuo a

isso — a que o chama sua natureza simples e inalterada; assim, a primeira razão da servidão voluntária é o costume — como os mais bravos courtaus¹ que no início mordem o freio e depois descuram; e onde outrora escoiceavam contra a sela, agora se ostentam nos arreios e soberbos pavoneiam-se sob a barda. Eles dizem que sempre foram súditos, que seus pais viveram assim; pensam que são obrigados a suportar o mal, convencem-se com exemplos e ao longo do tempo eles mesmos fundam a posse dos que os tiranizam; mas como em verdade os anos nunca dão o direito de malfazer, aumentam a injúria. Sempre se encontra alguns mais bem nascidos que sentem o peso do jugo e não podem se impedir de sacudi-lo, que jamais se

¹ Cavalos de orelhas e crina cortadas (N. do T.).

acostumam com a sujeição e que sempre, como Ulisses — que por mar e terra sempre procurava ver a fumaça de sua casa — não podem se impedir se atentar para seus privilégios naturais e de se lembrar de seus predecessores bem como de seu primeiro ser. De bom grado são estes que, tendo entendimento nítido e espírito clarividente, não se contentam, como a grande população, em olhar o que está diante dos pés se não divisam atrás e na frente e só rememoram ainda as coisas passadas para julgar as do tempo vindouro e para medir as presentes; são estes que, tendo a cabeça por si mesmos bem feita, ainda a poliram com o estudo e o saber. Estes, mesmo que a liberdade estivesse inteiramente perdida e de todo fora do mundo, a imaginam e a sentem em seu espírito, e ainda a saboreiam; e a servidão não é de seu gosto por mais que esteja vestida.

O grão-turco percebeu bem isto: que os livros e a doutrina dão aos homens, mais que qualquer outra coisa, o sentido e o entendimento para se reconhecerem e

odiar a tirania; averiguo que em suas terras ele não tem sábios, nem os quer. Ora, comumente, ficam sem efeito o bom zelo e afeição dos que apesar do tempo conservaram a devoção à liberdade, por mais numerosos que sejam, porque não se conhecem; sob o tirano, é-lhes tirada toda a liberdade de fazer, de falar, e quase de pensar: todos se tornam singulares em suas fantasias. Portanto, Momo, o deus zombeteiro, não zombou demais quando censurou o homem que Vulcano fizera por não ter-lhe posto uma janelinha no coração para que por aí se pudesse ver seus pensamentos. Fizeram questão de dizer que Bruto, Cássio e Casco, quando empreenderam a libertação de Roma, ou melhor, de todo o mundo, não quiseram que Cícero — esse grande defensor do bem público, se já houve algum — tomasse parte e estimaram seu coração fraco demais para um feito tão elevado; confiavam muito em sua vontade mas não estavam certos de sua coragem. E, todavia, quem quiser percorrer os feitos do passado e os anais antigos encontrará poucos ou nenhum dos que, vendo seu país

maltratado e em más mãos, tendo decidido com boa intenção, íntegra e não dissimulada, libertá-lo, não tenham conseguido; e a quem a própria liberdade, para se tornar visível, não tenha ombreado. Como Harmódio, Aristogitão, Trasíbulo, Bruto, o velho, Valério e Dion porque pensaram virtuosamente, afortunadamente executaram; nesses casos, a bom querer fortuna quase nunca falha. Bruto, o jovem, e Cássio eliminaram com muito êxito a servidão; mas reconduzindo a liberdade, morreram não miseravelmente (pois que blasfêmia dizer que houve algo miserável nessa gente, em sua vida e em sua morte!) mas com certeza para grande prejuízo, perpétuo infortúnio e total ruína da república que, ao que parece, foi enterrada com eles. As outras empresas que mais tarde foram feitas contra os imperadores romanos não passavam de conjurações de gente ambiciosa, à qual não se deve lamentar os inconvenientes que lhe sucederam, pois salta aos olhos que desejavam não eliminar mas mudar a coroa, que pretendiam banir o tirano e reter a tirania. Estes, eu mesmo não gostaria que

fossem bem sucedidos e estou contente de que, através de seu exemplo, tenham mostrado que não se deve abusar do santo nome da liberdade para má empresa.

Mas voltando às nossas palavras, das quais quase me perderei: a primeira razão por que os homens servem de bom grado é que nascem servos e são criados como tais. Desta decorre uma outra: que sob os tiranos as pessoas facilmente se tornam covardes e efeminadas. Disso sei maravilhosamente graças a Hipócrates, o avô da medicina, que esteve atento e assim o disse em um dos livros que estabelece das doenças. Esse personagem certamente tinha um coração de todo bom e o demonstrou bem quando o grande rei quis atraí-lo para junto de si à força de ofertas e grandes presentes; respondeu-lhe francamente que teria escrúpulos em meter-se a curar os bárbaros que queriam matar os Gregos e bem servir com sua arte àquele que da Grécia queria se servir. A carta que lhe enviou pode ser vista ainda hoje entre suas outras obras e testemunhará para sempre seu bom

coração e sua nobre natureza. Ora, é certo, portanto, que com a liberdade se perde de uma só vez a valentia. A gente subjugada não tem júbilo nem furor no combate: parte para o perigo quase como que amarrada, toda por demais embotada, e não sente ferver em seu coração o ardor da liberdade que faz desprezar o perigo e dá vontade de ganhar a honra e a glória numa bela morte entre seus companheiros. Entre geme livre é à porfia, cada qual melhor, cada um pelo bem comum, cada um por si; todos esperam ter sua parte no mal da derrota ou no bem da vitória; mas a gente subjugada, além dessa coragem guerreira, também perde a vivacidade em todas as outras coisas e tem o coração baixo e mole, incapaz de todas as grandes coisas. Disso muito bem sabem os tiranos, e ao vê-la tomando essa feição, ainda a ajudam para que afrouxe mais.

Xenofonte, historiador grave e de primeira linha entre os Gregos, fez um livro onde faz Simônides falar com Hierão, tirano de Siracusa, a respeito das misérias

do tirano. O livro é cheio de advertências boas e graves e que, em meu entender, têm graça na medida do possível. Prouvera deus que os tiranos que sempre existiram o tivessem posto diante dos olhos e o tivessem usado como espelho! Não posso acreditar que não teriam reconhecido suas verrugas e tido vergonha de suas manchas. Nesse tratado ele conta o pesar em que se encontram os tiranos que, fazendo mal a todos, são obrigados a temer a todos; entre outras coisas, diz que os maus reis servem-se de estrangeiros na guerra e os assoldam pois não ousam a confiança de pôr armas na mão de sua gente, a quem fizeram mal. (De fato, houve reis bons que tiveram nações estrangeiras a seu soldo, até mesmo franceses, ainda mais outrora do que hoje; mas com outra intenção: a fim de proteger os seus, pois para poupar os homens estimavam nula a perda do dinheiro. É o que dizia Cipião, o grande Africano, creio eu: que preferiria ter salvo um cidadão a ter derrotado cem inimigos). Mas por certo está confirmado que o tirano jamais pensa que seu poderio esteja assegurado, senão

quando chegou ao ponto de não ter às suas ordens homem de valor. Portanto, a ele se dirá com razão o mesmo que Trasão, onde Terêncio se gaba de ter objetado ao senhor dos Elefantes:

Porque sois tão audaz

Os bichos amestrais.

Porém essa artimanha de tiranos para bestializar seus súditos não pode ser mais claramente conhecida que através do que Ciro fez com os Lídios depois de ter-se assenhoreado de Sardes, principal cidade da Lídia, de ter dominado Cresos, esse rei tão rico, e de tê-lo levado discricionariamente. Trouxeram-lhe notícias de que os Sardos tinham se revoltado. Sua autoridade os teria submetido prontamente; mas como não queria saquear uma cidade tão bela nem inquietar-se sempre com o manutimento de um exército para guardá-la, descobriu um grande expediente para apoderar-se dela: ali estabeleceu bordéis, tavernas e jogos públicos, e proclamou uma

ordenação que os habitantes tiveram de acatar. Ficou tão satisfeito com tal guarnição que desde então nunca mais foi preciso puxar da espada contra os Lídios: essa gente pobre e miserável divertia-se inventando todo tipo de jogo, de tal modo que os Latinos tiraram daí sua palavra, e o que chamamos passatempo eles chamam *Ludi*, como se quisessem dizer *Lidi*. Não todos os tiranos declararam tão expressamente que queriam efeminar sua gente; mas, de fato, o que este ordenou formalmente e sob sua autoridade, a maioria perseguiu. Na verdade, o natural da arraia miúda, cujo número é cada vez maior nas cidades, é que seja desconfiada para com aquele que a ama e crédula para com aquele que a engana. Não penseis que pássaro algum melhor caia no laço, nem que peixe algum pela gulodice da isca mais depressa se aferre ao anzol pois, como se diz, todos os povos são prontamente logrados para a servidão pela primeira pluma que lhes passam na boca; e é maravilhoso como cedem rápido, contanto que lhes façam cócegas. Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos,

os gladiadores, os bichos estranhos, as medalhas, os quadros e outras drogas que tais eram para os povos antigos as iscas da servidão, o preço de sua liberdade, as ferramentas da tirania. Os tiranos antigos tinham esse meio, essa prática, esses atrativos para adormecer seus súditos sob o jugo. Assim, achando bonitos esses passatempos, entretidos por um prazer vão que passava diante de seus olhos, os povos abobados acostumavam-se a servir tão tolamemente e até pior do que as criancinhas que aprendem a ler vendo as brilhantes imagens dos livros iluminados. Os tiranos romanos descobriram ainda um outro ponto: dar festas frequentes para as decúrias públicas, abusando como podiam dessa canalha que, mais que qualquer outra coisa, não resiste ao prazer da boca. O mais prudente e esperto dentre eles não teria largado sua tigela de sopa para recobrar a liberdade da república de Platão. Os tiranos prodigalizavam um quarto de trigo, um sesteiro de vinho e um sestércio; e então dava pena ouvir gritar: Viva o rei! Os broncos não percebiam que apenas recobravam

parte do que era seu e que até mesmo no que recobravam o tirano não lhes teria dado se antes não lhes tivesse tirado. O que hoje tinha apanhado o sestércio e se empanturrado no festim público abençoando Tibério e Nero e sua bela liberalidade, no dia seguinte, obrigado a abandonar seus bens à cobiça deles, seus filhos à luxúria, seu próprio sangue à crueldade desses magníficos imperadores, ficava mudo como uma pedra e imóvel como um tronco. O povo sempre teve isto: ao prazer que não pode receber honestamente, é de todo aberto e dissoluto; e ao erro e à dor que pode sofrer honestamente, insensível. Agora não vejo ninguém que ouvindo falar de Nero não trema à simples menção a esse monstro vil, essa gnóbil e imunda peste do mundo; e no entanto, desse aí, desse incendiário, desse carrasco, dessa besta feroz, pode-se afirmar que, após sua morte, tão vil quanto sua vida, o nobre povo romano teve tanto desgosto ao lembrar os jogos e os festins que esteve a ponto de pôr luto, como escreveu Cornélio Tácito, autor bom e grave, e dos mais seguros. O que não é

de se estranhar, visto o que esse mesmo povo fizera antes, na morte de Júlio César, que revogou as leis e a liberdade. Personagem que, parece-me, não tinha valor algum, pois sua própria humanidade, que tanto apregoam, foi mais prejudicial que a crueldade do mais selvagem tirano que já houve; porque, na verdade, foi essa sua doçura venenosa que para o povo romano adoçou a servidão. Mas após sua morte, esse povo que ainda tinha na boca os seus banquetes e no espírito a lembrança de suas prodigalidades, para homenageá-lo e transformá-lo em cinzas rivalizava-se amontoando os bancos da praça e mais tarde erguendo-lhe uma coluna como ao pai do povo (assim dizia o capitel) e prestando-lhe homenagem póstuma maior do que por direito devia a homem do mundo, salvo por acaso aos que o tinham matado. Os imperares romanos também não se esqueceram do seguinte: de comumente tomar o título de Tribuno do povo, tanto porque esse ofício era considerado santo e sagrado como porque era estabelecido para a defesa e proteção do povo. E por meio dos

favores desse ofício asseguravam-se de que o povo confiaria mais neles, como se dele devessem ouvir o nome e não, ao contrário, sentir os efeitos. Não são muito melhores os que hoje não fazem mal algum, mesmo importante, sem antes fazer passar algumas palavras bonitas sobre o bem público e a tranquilidade geral. Pois, ó Longa, conheces bem o formulário e certas passagens do qual poderiam se servir bastante sutilmente — mas, com certeza, na maior parte não pode haver finura onde há tanto despudor. Os reis da Assíria e também, depois deles, os de Média só apresentavam-se em público o mais tarde que podiam, para fazer a população se perguntar se não eram algo mais que homens e deixar nesse devaneio a gente de bom grado imaginativa para com as coisas que não pode julgar com os olhos. Assim, com esse mistério, tantas nações, que durante muito tempo pertenceram ao império assírio, acostumavam-se a servir e serviam com mais boa vontade por não saberem que senhor tinham nem a muito custo se tinham, e todos temiam acreditando em um que

ninguém jamais vira. Os primeiros reis do Egito só se mostravam portando ora um gato, ora um ramo, ora fogo sobre a cabeça, e desse modo mascaravam-se e fingiam-se de mágicos. E assim, pela estranheza da coisa, suscitavam em seus súditos alguma reverência e admiração; mas, no meu entender, teriam apenas se prestado ao passatempo e à troça na gente que não tivesse sido tola ou sujeita demais. Dá pena ouvir falar de quantas coisas os tiranos do passado utilizavam para fundar sua tirania, de quantas mesquinhas se serviam, encontrando essa população sempre às ordens, e que vinha cair na rede mesmo quando mal soubessem armá-la; que sempre enganaram tão facilmente, a ponto de nunca tê-la sujeitado tanto como quando mais zombavam dela.

O que direi de um outro belo conto em que caíram os povos antigos? Acreditaram piamente que o dedão de Pirro, rei dos Épirotas, fazia milagres e curava os doentes das vísceras; enriqueceram ainda mais o conto: que depois de terem

queimado o corpo morto todo o dedo achava-se entre as cinzas, salvo apesar do fogo. O próprio povo tolo sempre faz as mentiras para depois acreditar nelas; muita gente assim escreveu, mas salta aos olhos que reuniu isso a partir dos rumores de cidade e do falatório da populaça. Vespasiano fez maravilhas ao voltar da Assíria e passar por Alexandria para ir a Roma apoderar-se do império: endireitava os coxos, tornava clarividentes os cegos e muitas outras belezas cujo logro quem não conseguia enxergar era, em meu entender, mais cego que aqueles a quem curava. Os próprios tiranos achavam bem estranho que os homens pudessem suportar um homem fazendo-lhes mal; queriam muito pôr a religião na frente, como anteparo, e se possível, tomar emprestada alguma amostra da divindade para o mantimento de sua miserável vida. Entre eles Salmoneu — se se acredita na sibila de Virgílio em seu inferno — que, por ter zombado assim das pessoas e por ter querido fazer-se de Júpiter, agora presta contas e ela o vê no fundo do inferno:

Vi Salmoneu que sofreu cruel castigo, enquanto imitava as chamas de Júpiter e o ruído do Olimpo. Levado por quatro cavalos e agitando o archote, atravessava, em triunfo, os povos gregos e a cidade de Elide, reclamando honras divinas. Louco! Acreditava que com o tropear dos cascos dos cavalos conseguiria imitar a tempestade e o raio inimitável. O Pai onipotente, porém, atirou-lhe, de dentre as nuvens espessas, não um archote, não um facho, mas

um raio e o precipitou em
um horrendo turbilhão.²

Se este que apenas se fazia de tolo está sendo agora tão bem tratado lá embaixo, creio que os que abusaram da religião para serem maus achar-se-ão em situação ainda melhor.

Os nossos semearam na França algo parecido: sapos, flores de lis, a âmbula e a auriflama; o que de minha parte, como sói acontecer, não quero descrever, pois até agora nem nós nem nossos antepassados tivemos ocasião para suspeitar, pois sempre tivemos reis tão bons na paz e tão intrépidos na guerra que, embora nasçam reis, parece que não foram feitos como os outros pela natureza mas

² Virgílio: *Eneida*, trad. David Jardim Jr., Biblioteca Clássicos de Ouro Universais. Ed. de Ouro, Rio de Janeiro, s/d.

escolhidos antes de nascer pelo deus todopoderoso para o governo e proteção do reino. E ainda que assim não fosse, não gostaria de entrar na liça por causa disso para discutir a verdade de nossas histórias nem descascá-las tão intimamente, para não tolher esse belo jogo onde nossa poesia francesa poderá esgrimir-se bem, agora não mais costurada mas, ao que parece, renovada por nosso Ronsard, nosso Baif, nosso du Bellay, adiantando tanto a nossa língua que, ousa esperar, em breve diante de nós os Gregos e os Latinos talvez só tenham o direito de primogenitura. E com certeza eu prejudicaria muito nossa rima (com prazer uso essa palavra e ela não me desagrada; pois, embora vários a tivessem tornado mecânica, vejo contudo bastante gente capaz de enobrecê-la novamente e restituir-lhe sua glória primeira), digo: eu a prejudicaria muito se agora dela suprimisse os belos contos do rei Clóvis, nos quais parece-me que já vejo quão prazerosamente, quão à vontade alegrar-se-á a veia de nosso Ronsard em sua Franciade. Sou atento ao seu alcance, conheço o

espírito agudo, sei da graça do homem; ele usará a auriflama como os Romanos suas ancilas.

E os escudos atirados do céu, diz Virgílio. Cuidará tão bem de nossa Âmbula como os Atenienses do cesto de Eric-tônio. Fará falar de nossas armas como eles de sua oliva, que afirmam encontrar-se ainda na torre de Minerva. Eu seria por certo ultrajante em querer desmentir nossos livros e correr tanto nos cursos de nossos Poetas. Mas voltando aonde não sei como tinha desviado o fio de minhas palavras: nunca houve como os tiranos que, a fim de se manterem, se esforçam para acostumar o povo a eles não só por obediência e servidão, mas também por devoção. O que eu disse até aqui quanto ao que ensina a gente a servir mais voluntariamente só serve então aos tiranos para o povo miúdo e grosseiro.

Mas agora chego a um ponto que em meu entender é a força e o segredo da dominação, o apoio e fundamento da

tiranía. No meu juízo, muito se engana quem pensa que as alabardas, os guardas e a disposição das sentinelas protegem os tiranos. Creio que a eles recorrem mais como formalidade e espantinho do que por confiança. Os arqueiros proíbem a entrada do palácio aos mal vestidos que não têm meios, não aos bem armados que podem fazer alguma empresa. Certamente é fácil contar que entre os imperadores romanos não foram tantos os que conseguiram escapar de algum perigo graças a seus guardas quanto os que foram mortos por seus próprios arqueiros. Não são os bandos de gente a cavalo, não são as companhias de gente a pé, não são as armas que defendem o tirano; de imediato, não se acreditará nisso, mas com certeza é verdade. São sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano; quatro ou cinco que lhe conservam o país inteiro em servidão. Sempre foi assim: cinco ou seis obtiveram o ouvido do tirano e pôr si mesmos dele se aproximaram; ou então por ele foram chamados para serem os cúmplices de suas crueldades, os companheiros de seus prazeres, os proxenetas

de suas volúpias, e sócios dos bens de suas pilhagens. Tão bem esses seis domam seu chefe, que ele deve ser mau para a sociedade não só com suas próprias maldades, mas também com as deles. Esses seis têm seiscentos que crescem debaixo deles e fazem de seus seiscentos o que os seis fazem ao tirano. Esses seiscentos conservam debaixo deles seis mil, cuja posição elevaram; aos quais fazem dar o governo das províncias ou o manejo dos dinheiros para que tenham na mão sua avareza e crueldade e que as exerçam no momento oportuno; e, aliás, façam tantos males que só possam durar à sua sombra e isentar-se das leis e da pena por seu intermédio. Grande é o séquito que vem depois e quem quiser divertir-se esvaziando essa rede não verá os seis mil mas os cem mil, os milhões que por essa corda agarram-se ao tirano servindo-se dela como Júpiter em Homero, que se gaba de trazer a si todos os deuses ao puxar a corrente. Daí se originava o crescimento do Senado sob Júlio, o estabelecimento de novas posições, o surgimento de ofícios; considerando bem, certamente

não uma reforma da justiça mas novos sustentáculos da tirania. Em suma: que se chegue lá por favores ou subfavores, os ganhos ou restolhos que se tem com os tiranos, ocorre que afinal há quase tanta gente para quem a tirania parece ser proveitosa quanto aqueles para quem a liberdade seria agradável. Como dizem os médicos, se há em nosso corpo alguma coisa estragada, logo um outro lugar onde nada está acontecendo rapidamente se dirige para a parte bichada; do mesmo modo, logo que um rei declarou-se tirano, tudo que é ruim, toda a escória do reino — não falo de um monte de gatunos e desorelhados que numa república não podem fazer muito mal nem bem, mas dos que são manchados por ambição ardente e notável avareza — reúnem-se à sua volta e o apoiam para participarem da presa e serem eles mesmos tiranetes sob o grande tirano. Os grandes ladrões e os famosos corsários fazem assim: uns desnudam o país, os outros perseguem os viajantes, uns armam emboscadas, os outros estão à espreita, os outros massacram, os outros esfolam; e embora existam primazias

entre eles e uns sejam apenas criados e os outros chefes do bando, no final não há um que não se sinta parte, senão do espólio principal, ao menos da busca. Contam que os piratas Cilicianos não só reuniram-se em tal número que foi preciso enviar Pompeu, o grande, contra eles, mas também que atraíram para uma aliança várias belas cidades e grandes centros em cujos portos punham-se a salvo ao voltarem das incursões, dando-lhes como recompensa algum proveito da receptação da pilhagem.

Assim o tirano subjuga os súditos uns através dos outros e é guardado por aqueles de quem deveria se guardar, se valessem alguma coisa; mas, como se diz, para rachar lenha é preciso cunhas da própria lenha. Eis aí seus arqueiros, seus guardas, seus alabardeiros; não que eles mesmos às vezes não sofram por causa dele; mas esses perdidos e abandonados por deus e pelos homens ficam contentes de suportar o mal para fazê-lo, não àquele que lhes malfez, mas àqueles que suportam como eles e que nada podem fazer. Vendo

porém essa gente que gera o tirano para se encarregar de sua tirania e da servidão do povo, com frequência sou tomado de espanto por sua maldade e às vezes de piedade por sua tolice. Pois, em verdade, o que é aproximar-se do tirano senão recuar mais de sua liberdade e, por assim dizer, apertar com as duas mãos e abraçar a servidão? Que ponham um pouco de lado sua ambição e que se livrem um pouco de sua avareza, e depois, que olhem-se a si mesmos e se reconheçam; e verão claramente que os aldeões, os camponeses que espezinham o quanto podem e os tratam pior do que a forçados ou escravos — verão que esses, assim maltratados, são no entanto felizes e mais livres do que eles. O lavrador e o artesão, ainda que subjugados, ficam quites ao fazer o que lhes dizem; mas o tirano vê os outros que lhe são próximos trapeando e mendigando seu favor; não só é preciso que façam o que diz mas que pensem o que quer e amiúde, para satisfazê-lo, que ainda antecipem seus pensamentos. Para eles não basta obedecê-lo, também é preciso agradá-lo, é preciso que se

arrebentem, que se atormentem, que se matem de trabalhar nos negócios dele; e já que se aprazem com o prazer dele, que deixam seu gosto pelo dele, que forcem sua compleição, que despem o seu natural, é preciso que estejam atentos às palavras dele, à voz dele, aos sinais dele, e aos olhos dele; que não tenham olho, pé, mão, que tudo esteja alerta para espiar as vontades dele e descobrir seus pensamentos. Isso é viver feliz? Chama-se a isso, viver? Há no mundo algo menos suportável do que isso, não digo para um homem de coração, não digo para um bem-nascido, mas apenas para um que tenha o senso comum ou nada mais que a face de homem? Que condição é mais miserável que viver assim, nada tendo de seu, recebendo de outrem sua satisfação, sua liberdade, seu corpo e sua vida?

Mas eles querem servir para ter bens, como se não pudessem gerar nada que fosse deles, pois não podem dizer de si que sejam de si mesmos; e como se alguém pudesse ter algo de seu sob um tirano,

querem fazer com que os bens sejam deles e não se lembram que são eles que lhe dão a força para tirar tudo de todos e não deixar nada de que se possa dizer que seja de alguém. Veem que nada senão os bens torna os homens sujeitos à crueldade dele, que para ele só a riqueza é crime digno de morte. Ama só as riquezas e só despoja os ricos, que ainda assim vêm se apresentar como que diante do açougueiro, gordos e fortes, para se oferecerem e despertarem seu apetite. Esses favoritos não devem se lembrar tanto dos que em torno dos tiranos receberam muitos bens, mas sim dos que tendo acumulado durante algum tempo ali perderam depois os bens e as vidas. Não deve passar-lhes tanto pela cabeça quantos ali receberam riquezas, mas quão poucos as conservaram. Que se percorram todas as histórias antigas, que se considerem as de nossa lembrança, e ver-se-á plenamente como é grande o número dos que, tendo ganho por meios espúrios a confiança dos príncipes, tendo usado de sua maldade ou abusado de sua simplicidade, finalmente foram por eles mesmos aniquilados; e

assim como neles tinham achado um meio para elevá-los, mais tarde neles também encontraram a inconstância que os destruiu. Com certeza, entre as muitas pessoas que já se acharam próximas de tantos reis maus, poucas ou quase nenhuma foram as que alguma vez não experimentaram em si mesmas a crueldade do tirano, que antes haviam atizado contra os outros: tendo enriquecido com os despojos de outrem à sombra de seu favoritismo, no mais das vezes elas acabam enriquecendo-o com seus despojos.

As próprias pessoas de bem — se é que às vezes existe alguma amada pelo tirano —, por mais que sejam os primeiros em sua graça, por mais que nelas brilhem a virtude e a integridade que impõem algum respeito até aos mais malvados quando vistas de perto, as pessoas de bem, digo, aí não poderiam durar; é preciso que compartilhem do mal comum e que sintam a tirania em seus propósitos. Um Sêneca, um Burrus, um Traséas, esse terno de pessoas de bem, as quais — aliás, o infortúnio

das duas primeiras aproximou do tirano e lhes pôs nas mãos a condução de suas coisas, ambos por ele estimados, queridos ambos, e um deles ainda o havia criado e tinha como garantia de sua amizade a educação de sua infância — pois esses três bastam para testemunhar com sua morte cruel como há pouca segurança no favor de um mau senhor. E, na verdade, que amizade se pode esperar daquele que tem mesmo o coração tão duro para odiar seu reino, o qual só faz obedecê-lo, e que ainda por se saber incapaz de amar empobrece a si mesmo e destrói seu império?

Ora, se se quer dizer que eles enfrentaram esses inconvenientes por serem gente de bem, que se olhe francamente em torno do próprio, e ver-se-á que não duraram mais os que caíram em suas graças e se mantiveram por meios espúrios. Quem já ouviu falar de amor mais desenfreado, de afeição mais persistente, quem já leu sobre um homem mais obstinadamente encarnado numa mulher do ele em Popéa? Ora, mais tarde ela foi envenenada por ele

próprio. Sua mãe, Agripina, tinha matado o marido, Cláudio, para lhe dar lugar no império; para obsequiá-lo, ela nunca criara dificuldade de espécie alguma, nem sofrimento. Então seu próprio filho, sua cria, o Imperador feito por sua mão, depois de lhe faltar muitas vezes, afinal tirou-lhe a vida; e na ocasião não houve quem não dissesse que ela bem merecera essa punição, se tivesse sido pelas mãos de qualquer um que não aquele a quem ela havia dado a vida. Quem já foi mais fácil de manipular, mais simples, melhor dizendo, mais verdadeiramente parvo que o imperador Cláudio? Quem já foi mais traído pela mulher do que ele por Messalina? Finalmente a pôs nas mãos do carrasco. Quando a têm, a simplorice sempre fica nos tiranos para não poderem fazer o bem; mas não sei como, por menor que seja o seu espírito, este afinal acorda, para usar de crueldade até contra aqueles que lhe são próximos. Bastante comum é o dito espirituoso desse outro que, vendo descoberta a garganta de sua mulher, a quem amava muito e sem a qual parece que não teria podido viver, acariciou-

a com esta promessa: Se eu ordenar, daqui a pouco esse belo pescoço será cortado. Eis porque, em sua maior parte, os tiranos antigos eram comumente mortos por seus maiores favoritos que, tendo conhecido a natureza da tirania, não podiam assegurar-se tanto da vontade do tirano, bem como desconfiavam de seu poderio. Assim foi morto Domiciano por Estéfano, Cômodo por uma de suas próprias amantes, Antonino por Macrino, como quase todos os outros.

É certamente por isso que o tirano nunca é amado, nem ama: a amizade é um nome sagrado, é uma coisa santa; ela nunca se entrega senão entre pessoas de bem e só se deixa apanhar por mútua estima; se mantém não tanto através de benefícios como através de uma vida boa; o que torna um amigo seguro do outro é o conhecimento que tem de sua integridade; as garantias que tem são sua bondade natural, a fé e a constância. Não pode haver amizade onde está a crueldade, onde está a deslealdade, onde está a injustiça; e entre os maus,

quando se juntam, há uma conspiração, não uma companhia; eles não se entre amam, mas se entre temem; não são amigos, mas cúmplices.

Ora, mesmo quando isso não impedisse, ainda seria difícil encontrar um amor seguro em um tirano, pois estando acima de todos e não tendo companheiro, já está além dos limites da amizade, cuja verdadeira presa é a igualdade, que jamais quer claudicar, e caminha sempre igual. Eis por que há entre os ladrões (dizem) alguma fé na partilha do roubo: porque são pares e companheiros; e se não se amam entre si, ao menos se temem e não querem tornar menor a sua força desunindo-se. Mas os que são favoritos do tirano nunca podem ter certeza alguma disso, posto que aprendeu com eles mesmos que tudo pode e nada há, direito ou dever, que o obrigue, no arrogo de fazer sua vontade contar como razão, e de não ter companheiro algum mas de ser de todos senhor. Não é, portanto, uma lástima que, vendo tantos exemplos notórios, vendo o perigo tão presente,

ninguém queira aprender à custa de outrem e que tanta gente de tão bom grado se aproxime dos tiranos? Que não haja um só que tenha a ponderação e a coragem de lhes dizer o que diz a raposa ao leão que fingia-se de doente, como sustenta o conto: De bom grado iria te ver em tua cova; vejo muitas pegadas de bichos que vão até a ti; mas não vejo uma só que volte para trás?

Esses miseráveis veem reluzir os tesouros do tirano e olham todos espantados os raios de sua bravata; e seduzidos por tal claridade aproximam-se e não veem que entram na chama que não pode deixar de consumi-los. Assim o sátiro indiscreto, como dizem as fábulas antigas, que ao ver acender-se o fogo encontrado por Prometeu, achou-o tão belo que foi beijá-lo e se queimou. Assim a borboleta, que, esperando gozar de algum prazer, entra no fogo porque ele reluz, e verifica a outra virtude, a que queima, diz o Poeta Toscano. Mas

admitamos ainda que esses *mignons*³ escapem das mãos daquele a quem servem; nunca se salvam do rei que vem depois. Se ele é bom, então é preciso dar conta de reconhecer pelo menos a razão; se é mau e semelhante ao seu senhor, não pode ocorrer que também não tenha os seus favoritos, que por sua vez comumente não se contentam em ocupar o lugar dos outros se também não obtêm o mais das vezes seus bens e suas vidas. Como pode então haver alguém que, com tão grande, perigo e tão pouca segurança, queira tomar o infeliz lugar para servir com tanto custo a um senhor tão perigoso? Que sofrimento, que martírio, Deus do céu! seguir noite e dia pensando em aprazer a um e no entanto temê-lo mais que a homem do mundo, ter o olho sempre à espreita, a orelha à escuta para espiar de onde virá o golpe, para

³ Expressão usada no séc. XVI para designar “favoritos” (N. do T.).

descobrir as emboscadas, para sentir a fisionomia de seus companheiros, para avisar quem o trai, rir para cada um e no entanto temer a todos; não ter nenhum inimigo aberto nem amigo certo, tendo sempre o rosto sorridente e o coração transido; não poder ser alegre e não ousar ser triste.

Mas é um prazer considerar o que lhes sobra desse grande tormento e o bem que podem esperar de seu sofrimento e de sua vida miserável. De bom grado o povo não acusa o tirano do mal que sofre, mas aqueles que o governam; desses, os povos, as nações, todo mundo à porfia, até os camponeses, até os lavradores, sabem os nomes, decifram os vícios, a esses acumulam de mil ultrajes, mil vilanias, mil maldições; todas as suas orações, todos os seus votos são contra eles; os acusam de todos os seus infortúnios, de todas as pestes, de todas as suas fomes; e se às vezes aparentemente lhes prestam alguma homenagem, no mesmo momento grunhem contra eles em seu coração e os abominam mais estranhamente que às feras selvagens. Eis a

glória, eis a homenagem que recebem por seu serviço à gente, a qual parece-lhes que ainda não estaria satisfeita, nem pela metade saciada com sua pena quando cada um tivesse um pedaço de seus corpos. E, por certo, mesmo depois de mortos, os que vêm mais tarde nunca são preguiçosos a ponto do nome desses comedores de povos não ser enegrecido com a tinta de mil penas, sua reputação despedaçada em mil livros, e os próprios ossos, por assim dizer, arrastados pela posteridade, punindo-os ainda após a morte por suas vidas vis.

Aprendamos pois uma vez, aprendamos a fazer o bem; levantemos os olhos para o céu ou para nossa honra e para o próprio amor da virtude; ou, para falar cientemente, para o amor e honra de deus todo-poderoso que é testemunha segura de nossos feitos e juiz justo de nossas faltas. De minha parte creio, e não estou enganado, que lá embaixo ele reserva à parte para o tirano e seus cúmplices alguma pena particular — pois nada é mais contrário a

deus, de todo liberal e bonachão, que a tirania.

